

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE HISTÓRIA**

FREDERICO ANDRÉ GONÇALVES FEITAL

**A SANTA MONTANHA: CONTEÚDOS MESSIÂNICOS DE
UM MOVIMENTO SÓCIO-RELIGIOSO (1999 – 2003).**

VITÓRIA, 2008

FREDERICO ANDRÉ GONÇALVES FEITAL

**A SANTA MONTANHA: CONTEÚDOS MESSIÂNICOS DE
UM MOVIMENTO SÓCIO-RELIGIOSO (1999 – 2003).**

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-graduação em
História da Universidade Federal do
Espírito Santo, como requisito
parcial para obtenção do título de
Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Vinicius
Costa de Mendonça

VITÓRIA, 2008

FREDERICO ANDRÉ GONÇALVES FEITAL

**A SANTA MONTANHA: CONTEÚDOS MESSIÂNICOS DE
UM MOVIMENTO SÓCIO-RELIGIOSO (1999 – 2003).**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Vinicius Costa de Mendonça

Aprovada em 16 de junho de 2008.

Comissão Examinadora

Orientador: Prof. Dr. Carlos Vinicius Costa de Mendonça

Prof^ª.Dr^ª. Cristina Dadalto

Prof. Dr. Sebastião Pimentel

RESUMO

Trata da análise dos conteúdos messiânicos de um movimento sócio religioso que acontece em Villas-Boas, município de Guiricema, Zona da Mata de Minas Gerais: A Santa Montanha. A Santa Montanha surge num momento crítico para a sociedade civil brasileira, 1966, época dominada pelo militarismo. A partir da aparição de Nossa Senhora, uma humilde lavradora passa a coordenar um complexo movimento social que engloba 3000 pessoas em seus momentos de comunhão. O referencial teórico utilizado é baseado em Eric Hobsbawm e Maria Isaura Pereira de Queiroz, para quem os movimentos religiosos rurais são movimentos políticos, no tanto em que representam aspirações e interesses sociais frente ao Estado e que o comportamento dos líderes – profetas ou mensageiros – e de seus discípulos são mecanismos de resistência política e cultural. Ao final tenta-se estabelecer vinculação entre os fatos presenciados na Santa Montanha e outros movimentos sócio-religiosos.

Palavras-chave: messianismo, política, movimentos sócio-religiosos

ABSTRACT

It treats as the analysis of the contents messiânicos of a movement religious partner who happens in Villas-Boas, local authority of Guiricema, Zone of the Forest of Minas Gerais: The Holy Mountain. The Holy Mountain appears at a critical moment for the civil Brazilian society, 1966, time dominated by the militarism. From the apparition of Our Lady, a humble farm-hand starts to coordinate a complex social movement that includes 3000 persons at his moments of communion. The theoretical used referential system is based on Eric Hobsbawm and Maria Isaura Pereira de Queiroz, for whom the religious rural movements are political movements, in so much in what they represent aspirations and social interests in front of the State and what the behaviour of the leaders – prophets or messengers – and of his disciples they are mechanisms of political and cultural resistance. To the end partner-monk tries to establish vinculação between the facts been present in the Holy Mountain and other movements.

Keywords: messianism, political, socio-religious movements

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| I. INTRODUÇÃO: | 6 |
| II. CAPÍTULO I: A QUESTÃO DO MESSIANISMO E A TRAJETÓRIA DOS MENSAGEIROS | 10 |
| III. CAPÍTULO II: A SANTA MONTANHA ENQUANTO MOVIMENTO MESSIÂNICO BASEADO NA ANÁLISE DO DISCURSO DE SUAS PRÉDICAS | 36 |
| 3.1 A ESPECIFICIDADE DO DISCURSO MESSIÂNICO..... | 42 |
| 4. CAPÍTULO III: A ANÁLISE DAS PRÉDICAS DA SANTA MONTANHA (1999/2003) | 45 |
| 4.1 MENSAGENS DE NOSSA SENHORA DA SANTA MONTANHA..... | 52 |
| 4.1.1. Mensagens apocalípticas | 60 |
| 4.1.2. Mensagens de divindade | 60 |
| 4.1.3. Pedidos de Jesus e Nossa Senhora | 61 |
| 4.1.4. O santo rosário | 62 |
| 4.1.5. Respeito na igreja | 64 |
| 4.1.6. Reverência à santa eucaristia | 64 |
| 4.1.7. Santa missa | 66 |
| 4.1.8. Modéstia no vestir | 68 |
| 4.1.9. Retorno aos ideais da vida cristã | 69 |
| 4.1.10. Vida cristã autêntica | 70 |
| 4.1.11. Conversão | 71 |
| 4.1.12. Penitência | 72 |
| 4.1.13. Oração | 74 |
| 4.1.14. Litígio com a diocese | 76 |
| 4.1.15. As mensagens nas folhas | 78 |
| V CONSIDERAÇÕES FINAIS: | 80 |
| VI BIBLIOGRAFIA | 91 |
| 9 FONTES PRIMÁRIAS: | 96 |
| 10 ANEXOS: BOLETINS DA SANTA MONTANHA | 97 |

I. INTRODUÇÃO

A proposta deste estudo é fazer uma reflexão sobre o fenômeno messiânico da Santa Montanha, movimento social que aconteceu na Serra da Mutuca, Zona da Mata de Minas Gerais. Localizada a cerca de três quilômetros do distrito de Villas - Boas, município de Guiricema - MG, à nascente na ladeira da pequena cordilheira da Mutuca, existe um bairro rural denominado Santa Montanha. Trata-se de um lugar de peregrinação religiosa, no qual, a cada primeiro domingo do mês, supostamente haveria uma aparição da Santa Maria - Nossa Senhora. A cada uma destas aparições seria distribuído por Ela, através de uma mensageira, um óleo sagrado, uma panacéia que, usada com fé, curaria todos os males.

Assim, as grandes questões que norteiam este trabalho são as seguintes: como é possível, nos tempos atuais, um movimento messiânico rural sobreviver e se sustentar como é o caso da Santa Montanha em Minas Gerais e o que leva um número tão grande de pessoas a se reunirem em torno de uma pessoa humilde como a mensageira D. Levina da Silva Ferreira?

O trabalho também procura avaliar a viabilidade social dos movimentos messiânicos rurais, fenômenos considerados irrepetíveis por vários especialistas em movimentos sociais. Para alguns autores seria improvável a sustentação social destes movimentos religiosos rurais, ou pela crescente urbanização do Brasil a partir dos anos trinta, ou, também, devido à crescente incorporação de hábitos urbanos no campo, principalmente devido o acesso aos meios de comunicação de massa.

Para Lísias Nogueira Negrão parece existir uma tendência cada vez maior de movimentos messiânicos urbanos, não mais orientados por visões religiosas específicas, mas por perspectivas ecléticas e plurais, introduzindo elementos do imaginário moderno de alguma forma ligados a tradições ocultistas ou

esotéricas. Embora sempre lembrando que tais fenômenos rurais continuariam ocorrendo¹.

De fato, embora respeitável a visão do pesquisador da USP, queremos discordar sobre a temporalidade dos movimentos messiânicos, pois o movimento messiânico rural da Santa Montanha é perfeitamente possível, na medida em que surge como uma reação a uma reestruturação sócio-econômica da micro-região de Ubá (onde se situa), provocada pela ênfase do governo federal em aumentar a renda per-capta naquelas paragens. Na época de seu surgimento, aquela região era a segunda menor renda por habitante de toda região sudeste, perdendo apenas para a região do Vale do Jequitinhonha².

Acreditamos, portanto, que os movimentos messiânicos como o da Santa Montanha se dão muito mais por solicitação de desenvolvimento e progresso econômico/social, do que por resistência às dimensões culturais globalizadas³.

Assim, a hipótese de nossa pesquisa é baseada nos pressupostos históricos e teóricos de Eric Hobsbawm⁴ e Maria Isaura Pereira de Queiroz⁵ que sugerem

¹ O exemplo maior estudado por Negrão é o movimento da Fraternidade Eclética Espiritualista Universal, liderada por Yokaanam, surgida no Rio de Janeiro no ano 1940. Yokaanam defendia o ecletismo religioso e suas crenças fixavam-se num amálgama de umbandismo e kardecismo; ele construiu sua Cidade Eclética no planalto central e conseguiu levar para lá centenas de famílias humildes do Rio de Janeiro. Sua mensagem religiosa, embora de rompimento tanto com a religião dominante quanto com o fluxo migratório tradicional, preservava o tradicionalismo católico popular e instituía o uso de tecnologia moderna nas formas de trabalho e produção além da divulgação nos meios de comunicação. A semelhança entre o grupo estudado por Negrão e a Santa Montanha reside no tradicionalismo católico popular e o uso da moderna tecnologia para sua divulgação (a Santa Montanha conta com uma página na rede mundial de computadores). NEGRAO, Lísias Nogueira. **Revising the messianism in Brazil and prophecy its future**. Revista brasileira Ciências Sociais, junho 2001, vol.16, no.46, p.119-129. ISSN 0102-6909.

² O PRODEMATA (Programa de Desenvolvimento da Zona da Mata) foi o ápice desta tentativa frustrada em aumentar a renda per-capta daquela micro-região, voltado para o acúmulo de terras nas mãos de poucos agricultores capitalizados, visava tecnificar a agricultura, gerando assim renda e empregos. Seu investimento inicial foi da ordem de cento e cinquenta milhões de dólares.

³ Ver DELLA CAVA, Ralph – **Milagre em Juazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

que os movimentos messiânicos rurais são representações fixadas na simbologia cristã para aspirações sociais de uma determinada classe com a intenção de remediar problemas sócio-políticos de ordem variada, também podendo representar a tensão entre uma sociedade parental e uma nova forma de organização sócio-econômica.

Nesse sentido, a análise das tensões entre uma sociedade parental da micro-região de Ubá e as novas formas de organização sócio-econômica por que passava o país é o eixo que nos permitirá problematizar o fenômeno messiânico naquela região.

Acreditamos que o que ocorreu foi a representação da fé enquanto possibilidade de re-alocação dos meios econômicos através da simbologia cristã, o que levou esta multidão a se reunir em torno de uma profetisa que pregava a iminência do dia do Juízo Final.

Desse modo, verificar a existência concreta e simbólica de um movimento messiânico em pleno momento de transição do século XX para o XXI é o objetivo deste trabalho, cuja essencialidade será traduzida a partir da análise do discurso das prédicas publicadas pelos adeptos da Santa Montanha entre 1999 e 2003.

Para validarmos nossas hipóteses, faremos uso da pesquisa bibliográfica, o que nos permitirá colocar em foco vários conceitos importantes para a compreensão do trabalho, como anomia, intertextualidade, gênero discursivo ou a organização dos movimentos sócio-religiosos enquanto reação às modificações econômicas de determinada época e região. Para verificarmos a validade destes conceitos passamos “*in loco*” seis meses em total imersão, visitamos continuamente, com frequência mínima de dois dias por semana

⁴ HOBBSBAWM, Eric J. - **Rebeldes Primitivos**: estudos de formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX. 2a ed. revista e ampliada, tradução de Waltensir Dura, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978 (Biblioteca de Ciências Sociais - Sociologia e Antropologia).

⁵ PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura - **O messianismo no Brasil e no mundo**. 2a edição, prefácio de Roger Bastide. São Paulo: Alfa-Omega, 1976 (Biblioteca Alfa-Omega de Ciências Sociais - 1a - Sociologia, 6).

durante dois anos, a Santa Montanha, quando tivemos a oportunidade de coletar depoimentos e documentos relacionados àquela movimentação religiosa.

Isto posto, no primeiro capítulo trataremos da apresentação da localidade onde se passou nossa pesquisa de campo e abordaremos todas as principais teorias que abarcam a questão da religiosidade rural e o providencialismo que a cerca, sempre associando à Santa Montanha.

No segundo capítulo passaremos em revista às teorias da análise do discurso e seus aspectos estruturais ao mesmo tempo em que qualificaremos a Santa Montanha enquanto movimento messiânico.

A representação da análise das prédicas em si constitui o capítulo terceiro, que levará às considerações finais, onde associaremos o movimento ora estudado às conexões teóricas mais modernas em movimento sócio-religiosos.

II. CAPÍTULO I – A QUESTÃO DO MESSIANISMO E A TRAJETÓRIA DOS MENSAGEIROS

A Santa Montanha localiza-se na micro-região de Ubá, entre os municípios de Guiricema e Ervália. Lá residia Levina da Silva Ferreira, que dizia receber mensagens de Nossa Senhora e do Menino Jesus. Mulher menos favorecida do meio rural, casou-se e teve seis filhos, dois dos quais, já falecidos à época da pesquisa. Depois do primeiro parto, de seu filho Antônio, Levina passou a sofrer de uma espécie de paralisia que lhe acometeu durante cerca de três meses, restando, como seqüela, problemas intestinais graves, que seriam superados a partir do início das aparições de Nossa Senhora. Como será exposto, o primeiro milagre, supostamente da Santa, foi exatamente o de curá-la.

De fato, foi no final dos anos cinqüenta, que ela e sua família vieram morar e trabalhar como lavradores na fazenda de um grande proprietário rural, da qual a atual Santa Montanha fazia então parte, residindo em uma casa de colonos onde hoje está instalada a Casa dos Romeiros.

A história da aparição é, presumidamente, a seguinte: nessa fazenda duas de suas filhas juntamente com uma prima foram levar o café da tarde para seu pai e um dos irmãos. Na volta, pararam para se balançar num cipó que pendia de uma árvore. De repente viram, surpresas, uma senhora iluminada naquela imagem característica sugerida pelas representações do sagrado católico: halo luminoso, pés que não tocam o solo, posição característica de piedade e paz, vestes longas, coroa e terço nas mãos.

Chegando em casa e contando para sua mãe o que viram, esta decide ir ao local onde segundo as adolescentes ocorrera a aparição e lá, teria recebido então, a primeira mensagem da santa: que determinou divulgar sua palavra e a aparição. No suposto diálogo, Levina argumentou não ter condições de cumprir tal missão por ser muito doente e fraca. A Santa teria respondido que a partir

daquele momento ela estaria curada, o que de fato ocorreu, era o dia 2 de fevereiro de 1966.

Daquela data em diante a aparição teria voltado a ocorrer quase todos os dias durante os dois primeiros meses provocando um afluxo de pessoas interessadas na repetição dos milagres. Numa ocasião especial, Levina recebeu como incumbência de Nossa Senhora encontrar o Menino Jesus e construir para ele uma capela. A imagem, que os fiéis crêem viva, de Jesus foi encontrada depois de longa peregrinação, em Niterói, Rio de Janeiro. Assim que chegou a *Santa Montanha*, a imagem foi ocupar um pequeno cômodo onde é reverenciado por um grande número de fiéis, além de todo o corpo clerical que vive nesta comunidade. O cômodo passou a ser denominado como Capelinha do Menino Jesus. A distribuição do Santo Óleo também é feita neste local, sempre em silêncio e respeito profundos de todos os presentes.

É interessante notar que algumas das primeiras mensagens foram recebidas não só por Levina, mas também por outras pessoas, que parecia que as recebiam em folhas de papel e ditadas pela entidade sagrada. Além das aparições e das mensagens, existia também um certo óleo que supostamente vertia dos cipós das árvores das cercanias. Esse óleo passou a ser utilizado pelos fiéis e estimulado a sua utilização pelos eclesiásticos envolvidos com os milagres, curas e aparições.

Com a difusão da história da aparição, em todo primeiro domingo de cada mês, cerca de três mil pessoas acorrem ao povoado na busca da cura de seus males e da expiação de suas culpas, seja através do *santo óleo*, seja através das bênçãos supostamente dadas por Nossa Senhora e distribuídas pela vidente.

Com efeito, será que podemos definir este movimento sócio-religioso como messiânico? A nossa hipótese básica, apoiada em Maria Isaura Pereira de Queiroz é que os movimentos sócio-religiosos são agentes sociais da

sociedade global que agem nos momentos de crise ou de mudanças na estruturação das sociedades ⁶.

Segundo Queiroz, para a classificação de um movimento social em messiânico, deve-se considerar as seguintes características: a) a união em torno de um messias; a mitologia particular que permite imaginar a possibilidade de se construir neste mundo terreno uma sociedade perfeita; b) associada a ela uma crença no regresso de uma divindade, de um herói ou de um emissário que lhes oferecerá (aos fiéis) os meios para a instalação deste milênio; c) a finalidade que trata pela pretensão em remediar problemas sócio-políticos de ordem variada; d) a estratificação.

Desse modo, todos os movimentos messiânicos parecem seguir um mesmo padrão estrutural estratificado - primeiro o líder, depois seus apóstolos e finalmente os fiéis ⁷; o que nos leva a uma outra característica fundamental ressaltada pela autora, que é relacionada às condições sócio-estruturais em que têm lugar tais movimentos: sempre surgem em momentos de crise de estrutura e organização, geralmente em sociedades cuja estrutura era regida por um sistema de parentesco, o que quer dizer sociedades cujo sistema de parentesco servia para localizar os indivíduos na estrutura social ⁸.

Para a autora, sempre os movimentos messiânicos surgem em momentos de crise estrutural, ou

Esta constatação de que somente definindo uma crise estrutural ou organizatória poderemos classificar um movimento messiânico, vem mais uma vez ressaltar o caráter essencialmente sócio-político deste, que sobrepuja de longe seu aspecto religioso. Os movimentos religiosos podem responder a crises de ordem diferente; os

⁶ PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura - **O messianismo no Brasil e no mundo**. 2a edição, prefácio de Roger Bastide. São Paulo: Alfa-Omega, 1976 (Biblioteca Alfa-Omega de Ciências Sociais - 1a - Sociologia, 6).

⁷ Voltaremos a este tópico mais adiante, relacionando-o à Santa Montanha.

⁸ PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura - **O messianismo no Brasil e no mundo**. 2a edição, prefácio de Roger Bastide. São Paulo: Alfa-Omega, 1976 (Biblioteca Alfa-Omega de Ciências Sociais - 1a - Sociologia, 6), p. 329/330

movimentos messiânicos forçosamente se referem a crises sócio-políticas, ao nível estrutural ou organizatório⁹.

Nem todos os autores estão de acordo com este ponto que define os movimentos messiânicos como movimentos sociais essencialmente sócio-políticos; um exemplo é Marco Antônio Villa, que retrata o movimento dos seguidores do Conselheiro de Canudos a partir da ótica historicista do materialismo dialético, incorporando-o às lutas sociais.

Para o autor nos movimentos sociais messiânicos a religião se mistura ao protesto social, *o fato de a religiosidade popular servir de expressão às insurreições de caráter popular coloca o problema da ambigüidade da religião como protesto e alienação. Segundo Villa para o sertanejo, a religião não é apenas um instrumento de transformação social, mas a fonte inspiradora de um mundo novo*¹⁰.

⁹ PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura - **O messianismo no Brasil e no mundo**; p. 338.

¹⁰ VILLA, Marco Antônio – **Canudos** – O povo da terra. São Paulo: Attica, 1995. p. 39. O autor, porém, discorda do fato da denominação de movimento messiânico ao movimento social de Canudos, crendo-o muito mais um movimento social, discordando da classificação de Antônio Mendes Maciel como um messias. Villa passa em revista às teorias e autores mais comuns ao movimento de Canudos e, extensivamente, aos movimentos messiânicos (todos citados neste trabalho). O primeiro autor que Villa comenta é Edmundo Moniz (p. 236). Para Villa, Moniz tentou buscar no marxismo ortodoxo a fonte explicativa, associando Antonio Conselheiro a Thomas Müntzer e a Thomas More buscando uma visão progressista que Canudos, definitivamente, não possuía. “Moniz, segundo a tradição do marxismo brasileiro, desconsiderou a influência religiosa como se a religião fosse somente um invólucro que encobrisse as relações de ordem material. Assim, a religião não passa de uma interpretação desfocada da realidade” (p. 237). Para Villa não era possível afirmar que Canudos era uma comunidade socialista: havia propriedade privada e acumulação de bens e capitais (vide os irmãos Villanova). O comunitarismo era produto da tradição sertaneja, fórmula encontrada por Antônio Conselheiro para manter milhares de conselheiristas em uma região pobre de recursos naturais. Rui Facó, também citado mais acima, cuja tese principal seria que “os fenômenos do misticismo ou messianismo, que se convencionou chamar de fanatismo, disseminados pelos sertões em nosso passado ainda recente, têm um fundo perfeitamente material e servem apenas de cobertura a esse fundo. É sua exteriorização” (FACÓ, 1988, p. 9/10, Apud VILLA, p.238). Para Villa, esse tipo de interpretação, que desqualifica a luta sertaneja porque esta não se adapta ao modelo de revolução ocidental, apenas repete a cantilena de que os movimentos sócio-religiosos rurais não passam de uma ideologia típica de movimentos pré-políticos (como em Hobbsbawn) (p. 239). O médico Nina Rodrigues é acusado por Villa de ter sido o responsável pela interpretação de que a guerra de Canudos simbolizou o choque entre o litoral e o sertão; o primeiro civilizado, vivendo um tempo histórico da Europa, o segundo inculto, num estágio inferior de civilização. Aqueles que tentam imputar a Canudos o título de último Quilombo, Villa argumenta que o arraial teria começado apenas após a abolição da escravatura e os negros representavam apenas 19% da população de Canudos, tomados como base a contagem dos prisioneiros e sua caracterização racial. Para Villa, a partir das prédicas integrais de Antônio Conselheiro, publicadas por Ataliba Nogueira em 1978, e de outros documentos legados por aqueles que presenciaram o evento Canudos, seria possível afirmar que no arraial não havia espera coletiva pelo Milênio (p. 239). Os conselheiristas não

Para Maria Isaura Pereira de Queiroz, cada tipo de crise que orienta um movimento messiânico gera também uma diferenciação nos objetivos deste, ou seja; se o movimento derivou de uma crise de anexação de sociedades globais antigamente independentes, ele será segmentação e desagregação; se a crise de configuração vem das mudanças sociais, temos movimentos inovadores e revolucionários; quando a crise que o gera é de anomia¹¹, temos movimentos restauradores e reformistas, como parece ser o caso da Santa Montanha. A cada gênero de crise, um gênero de movimento messiânico¹².

Por outro lado, autores consultados definem movimentos sociais ligados ao catolicismo popular como uma atitude de fuga de uma situação insatisfatória de vida através de um ideal místico fortalecido, o que geraria certas mudanças sócio-culturais e no modo de produção e utilização das terras, tendo como objetivos: a) Proporcionar maiores recursos econômicos apoiados num sistema de produção comunitário; b) promover a recuperação de padrões morais e religiosos e c) dar forma organizada à religiosidade popular¹³.

se consideravam uma comunidade eleita à espera da salvação, pelo contrário representavam a fixação definitiva de Antônio Conselheiro após vinte anos de peregrinação. Antônio Conselheiro não exercia a liderança carismática que revela aos homens o caminho da salvação, não se configurando, portanto, num messias. O que, obviamente, descaracteriza o messianismo aplicado à comunidade (p. 240). Canudos representava, na figura de Antônio Conselheiro e seu exemplo de vida de entrega total a Deus e absoluto desapego, uma mensagem de liberdade para o sertanejo, oprimido pelo latifúndio, pelo Estado e por uma Igreja distante e ausente (p. 244). Portanto, para Villa, ao contrário do que prega nossa hipótese, retirada a Queiroz e Hobsbawm, não teria havido “anomia” ou resistência às transformações econômicas, ao “progresso”, mas uma rebelião aberta e a esperança coletiva de construir um mundo novo, um mundo que fizesse sentido” (p. 244). VILLA, Marco Antônio – **Canudos – O povo da terra**. São Paulo: Attica, 1995.

¹¹ O termo anomia, cunhado por Durkheim no livro “O Suicídio”(1897) para mostrar que algo na sociedade não funciona de forma harmônica, aqui é utilizado na acepção de que a anomia é um estado de falta de objetivos e perda de identidade, provocado pelas intensas transformações ocorrentes no mundo social moderno. A partir do surgimento do Capitalismo, e da tomada da Razão, como forma de explicar o mundo, há um brusco rompimento com valores tradicionais, fortemente ligados à concepção religiosa (Robert King Merton, na pt.wikipedia.org, acessado em 11/02/2008). Neste sentido a Santa Montanha, ainda que conteste a ordem instituída dos cânones religiosos, e possamos dizer que a anomia seja um dos fatores para seu surgimento, situa-se (ou tenta se situar) dentro dos padrões que regem a sociedade, como o atestam as seguidas remissivas enviadas ao Bispo de Leopoldina.

¹²PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura - **O messianismo no Brasil e no mundo**. 2a edição, prefacio de Roger Bastide. São Paulo: Alfa-Omega, 1976 (Biblioteca Alfa-Omega de Ciências Sociais - 1a - Sociologia, 6), p. 339.

Para Isaura Pereira de Queiroz¹⁴ três são as motivações para a movimentação messiânica, que podem ser resumidas em: a) Reação contra a transformação social, anteriormente regida pelos graus de parentesco e agora pelo sistema econômico (como acreditamos ser o caso da Santa Montanha); b) Reação ao sistema de anomia que se instaura na estrutura e organização sociais, às quais os movimentos messiânicos procuram refazer e; c) Os movimentos de santidade, onde os movimentos resultam da formação de novas sociedades pela anexação de grupos livres relegados a uma situação de inferioridade social¹⁵.

Sabe-se também que os movimentos sociais religiosos só acontecem numa situação muito específica, que é numa sociedade de classes onde a classe dominadora gera e propaga uma ideologia e padrões de comportamento baseada em seus valores adquiridos arbitrariamente. Esta ideologia, por não se encaixar precisamente ao "*modus-vivendi*" da classe dominada [apesar dos mecanismos de reprodução empregados pela classe dominante (igreja ou escola)] é re-significada conforme seus próprios valores que são de idealização do passado e visão apocalíptica (ao contrário das dominantes, que os têm otimista e progressista)¹⁶.

No caso da Santa Montanha todo o discurso é de idealização do passado. Pretende-se sempre operar um retorno a um passado mítico idealizado talvez nunca vivenciado. Todas as representações do modo de vida moderno são

¹³ DUARTE, Raimundo - **O movimento messiânico de Pau de Colher**. Comunicação apresentada ao IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros. Salvador: Universidade Federal da Bahia - Departamento de cultura, 1969.

¹⁴ PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura - **O messianismo no Brasil e no mundo**. 2a edição, prefácio de Roger Bastide. São Paulo: Alfa-Omega, 1976 (Biblioteca Alfa-Omega de Ciências Sociais - 1a - Sociologia, 6), p. 327.

¹⁵ Retornaremos a estas motivações na conclusão.

¹⁶ MOURÃO, Laís - **Contestado: a gestação social do messias**. in: Cadernos da CERU. São Paulo: Centro de Estudos Rurais e Urbanos da USP, nº 7, 1974 - páginas 59/98.e PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura - **O messianismo no Brasil e no mundo**. 2a edição, prefácio de Roger Bastide. São Paulo: Alfa-Omega, 1976 (Biblioteca Alfa-Omega de Ciências Sociais - 1a - Sociologia, 6), p. 339.

rechaçadas em vantagem de uma simbologia anterior, onde os valores morais e a família são os alicerces da sociedade fraterna. Assim o discurso do “outro” é tido como o discurso dos dominadores, ao qual os habitantes da santa terra devem evitar e combater em nome da vida eterna no local escolhido pela divindade.

Nesta situação de impasse, onde uma ideologia dominante é incapaz de dar conta de uma realidade que tem suas especificidades, surge um profeta, sempre com a mesma justificativa: teria tido um sonho ou uma visão que lhe indicou a necessidade de caminhar pelo mundo penitenciando-se e pregando. A sua missão é mediar diretamente o encontro do humano com o sagrado. É através do discurso deste profeta ou mensageiro que se fará a ligação santo/popular e a ruptura estado/comunidade messiânica. Na Santa Montanha quem faz este papel é a vidente ou mensageira, D. Levina.

Laís Mourão aponta as seguintes características fundamentais no indivíduo profeta, dentre elas o ser peregrino; penitente; fazer pregação apocalíptica; possuir poder miraculoso de cura e representar a imortalidade¹⁷.

Por sua vez Mauricio Vinhas de Queiroz¹⁸ ratifica as características acima e acrescenta o catolicismo fervoroso; o desprendimento e o pensamento mágico.

Nessa linha, Eni Orlandi¹⁹ cita como marcas emblemáticas do discurso religioso destes profetas o uso de antíteses; a denegação; o uso do imperativo; o uso do vocativo; o uso de metáforas; o uso de performativos; o uso de sintagmas cristalizados; o uso de parábolas e a intertextualidade com a narrativa bíblica²⁰.

¹⁷ MOURÃO, Laís - **Contestado: a gestação social do messias**. in: Cadernos da CERU. São Paulo: Centro de Estudos Rurais e Urbanos da USP, nº 7, 1974 - páginas 59/98.

¹⁸ QUEIROZ, Mauricio Vinhas de - **Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966 (Retratos do Brasil, 45), p. 339.

¹⁹ ORLANDI, Eni P. - **A linguagem e seu funcionamento - As Formas do Discurso**. Campinas, SP: Pontes, 1987, p. 234.

²⁰ Em capítulo subsequente utilizar-nos-emos dos conceitos de análise do discurso.

Assim, a vinda do profeta e a espera messiânica são associadas, de maneira significativa, como advertem Queiroz e Kohn, que vêem os surtos milenares como “a crença na vinda de um redentor que porá fim à ordem presente de coisas, universalmente ou para um só grupo, instituindo neste mundo uma nova ordem de justiça e felicidade”²¹.

A concepção popular de messias deriva, segundo Queiroz²², das palavras de Isaías: “O povo que andava em trevas viu grande luz; os que moravam em terra de sombras da morte, a luz resplandeceu sobre eles. Porque um menino nasceu, nos foi dado um filho; traz o governo em seus ombros. Seu nome será Conselheiro admirável, herói de Deus, Padre Eterno, Príncipe da Paz, nascido para restabelecê-la e afirmá-la através do direito e da justiça, desde agora e para sempre” (Isaías 9:2)²³.

Temos claro que, embora não peculiar ao judaísmo, e, mesmo anteriormente em povos egípcios e babilônicos encontrem-se mitos tipicamente messiânicos, foi nesta religião que o termo chegou a sua significação semelhante a que hoje é empregada: aquele que traz a promessa clara de uma idade ainda por vir, um tempo de bonança e fartura,

o messias é o personagem concebido como um guia divino que deve levar o povo eleito ao desenlace natural do desenrolar da história, isto é, à humilhação dos inimigos e ao restabelecimento de um reino terreno e glorioso para Israel. A vinda deste reino coincidirá com o “fim dos tempos” e significará o restabelecimento do Paraíso na terra²⁴.

O protótipo do messias cristão encontra-se nos personagens históricos de Moisés e Jesus: O primeiro, o salvador do povo hebraico, fundador de uma nação e de uma religião nacional, profeta-messias que recebe de Deus a revelação. O segundo foi Jesus, anunciador de uma mensagem universal, acima das discriminações, curandeiro e operador de milagres. Como Moisés e

²¹ PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura - **O messianismo no Brasil e no mundo**. 2a edição, prefácio de Roger Bastide. São Paulo: Alfa-Omega, 1976 (Biblioteca Alfa-Omega de Ciências Sociais - 1a - Sociologia, 6), p. 10, KOHN, 1998.

²² PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura - **O messianismo no Brasil e no mundo**; p. 10.

²³ <http://www.bibliaonline.com.br>, 23 Isaías, cap. 9, vers. 1-6. Acesso em 23/07/2008.

²⁴ PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura - **O messianismo no Brasil e no mundo**, p 4.

Jesus, os profetas ou messias têm sonhos ou visões que lhes anunciam a boa nova. Como Moisés e Jesus eles sentem que têm a obrigação de cumprir sua “missão”, anunciando uma nova religião, divulgam sua pregação operando milagres, curam os enfermos, alguns deles recebem espíritos e falam línguas estranhas, também denominado glossolalia.

Repare na comparação com a Santa Montanha, onde o papel de messias cabe a Sra. Levina, a semelhança: numa visão que a curaria de males orgânicos crônicos que a acometiam há muito tempo, ela recebe a missão de anunciar a boa nova - chegada de um novo mundo, de um novo tempo que é o retorno a um mundo mítico encantado e jamais conhecido. A partir daí a mensageira parece operar, através da novena e dos santos óleos, os milagres que a investiriam do poder e da legitimidade da Santa – propaga-se assim a palavra. O caso do recebimento de espíritos, nesse caso, é ainda mais complexo, uma vez que ela não receberia qualquer espírito, mas nada menos do que a Mãe de Cristo e do próprio Cristo menino.

A glossolalia pôde ser observada em uma das visitas quando os padres cercaram uma fiel para abençoar-lhe e começaram a rezar tão rápido e num latim tão tosco, que logo se transformou em uma língua totalmente única, mas que unia todos os fiéis, que acompanhavam cada gesto e cada ênfase no discurso como se eles próprios os estivessem pronunciando, assim uniam todos os presentes, levando-os a abençoarem juntos a tal fiel, que jazia ajoelhada e contrita, com os olhos fitos na imagem de Nossa Senhora da Santa Montanha.

De qualquer forma, foi em sintonia com a primeira civilização que lhe deu forma que o termo messias evoluiu. Entre os hebreus era *mashia* um sumo sacerdote ou um monarca israelita. Também foram chamados *mashia* de *lavé* aqueles personagens míticos que trariam consigo uma época de justiça, felicidade e paz para o povo hebraico e para todos os povos no fim dos tempos. Após a invasão assíria, da perseguição e da deportação coletiva para a Babilônia dos “filhos de David”, graças ao já citado Isaías, além de Jeremias e Ezequiel, é que o termo recebe sua acepção plena de um salvador comum, a ser

esperado, compactuado com Deus, que guiaria o povo eleito à salvação e à libertação.

Para Hobsbawm, por sua vez, a qualificação de movimentos milenares²⁵ engloba aspectos um pouco diferentes: Para o autor, três características principais podem ser imputadas a estes movimentos²⁶: A primeira é

uma rejeição profunda e total do mundo presente, que é mau, e um desejo apaixonado por um outro mundo melhor: numa palavra, o revolucionismo. Segunda: uma “ideologia” muito padronizada, do tipo quiliasta (...). A ideologia mais importante desse tipo, antes do aparecimento do revolucionismo secular moderno, e talvez a única, é o messianismo judaico-cristão. De qualquer modo, parece que os movimentos milenares clássicos só ocorrem, praticamente, em países afetados pela propaganda judaico-cristã. (...). O que dá origem aos milenários é a idéia de que o mundo que conhecemos pode acabar um dia, e acabará, e que será totalmente refeito em seguida – concepção que é estranha a religiões como o hinduísmo e o budismo (...). Terceira: os movimentos milenares têm em comum uma imprecisão fundamental sobre a forma pela qual a nova sociedade será criada²⁷.

A primeira das características pode ser constatada na Santa Montanha a partir das prédicas explicitadas neste trabalho em anexo como mensagens apocalípticas e naquelas outras nomeadas como retorno aos ideais de vida cristã²⁸; a concepção quiliasta da história temos, por exemplo, em:

Nossa Senhora continua dizendo:

- Chegou o tempo! O mundo vai ser apurado como um grão de areia! Tudo será curado. Tudo será limpo! Poucos são os padres que amam a Deus e a Nossa Senhora.(...)
- Vai chegar o tempo em que não vai haver nem padres nem Papa! Tudo vai ser derrotado. É por causa de não haver amor a Deus.

²⁵ Uma vez que o autor abstém-se de usar o termo messianismo por acreditar haverem movimentos milenares sem a presença do messias, embora não os haja messiânicos que não milenares. HOBBSBAWN, Eric. J. - **Rebeldes Primitivos: estudos de formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX**. 2a edição revista e ampliada, tradução de Waltensir Dura, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978 (Biblioteca de Ciências Sociais - Sociologia e Antropologia), p. 208.

²⁶ HOBBSBAWN, Eric. J. - **Rebeldes Primitivos: estudos de formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX**, p. 64/65.

²⁷ HOBBSBAWN, Eric. J. - **Rebeldes Primitivos: estudos de formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX**, p. 64/65.

²⁸ Ver anexos.

Esta geração vai acabar com todas as suas famílias (nações). Será formada outra família. Esta família (geração presente) já não conhece a Deus.

Deus vai renovar o mundo para todos os que amam Nossa Senhora e Jesus, seu Filho²⁹;

Nestes anos, que vos separam ainda do final deste século, eu agirei de todas as maneiras para que o reino de Jesus possa ser instaurado entre vós e o Senhor Jesus possa ser por todos amado e glorificado. Nestes anos, que vos separam ainda do final deste século, eu agirei de todas as maneiras para que o reino de Jesus possa ser instaurado entre vós e o Senhor Jesus possa ser por todos amado e glorificado³⁰.

A imprecisão a respeito do tempo da criação deste novo mundo pode ser notada nas entrelinhas de mensagens como:

Rezem pelas suas famílias, não se esqueçam: Quem reza se salva e quem não reza se condena. (...) Em cada dia, em cada minuto estou presente, pedindo aos meus filhos que não se esqueçam da oração, porque chegou o tempo, o tempo de todos³¹.

Vocês devem sempre se preparar para Minha chegada para que Eu possa dar uma grande Benção no coração de cada um.

Eu quero salvar a todos, estou atrás das almas para que todos se salvem. Eu sou a Mãe do mundo inteiro, quero salvar todos os meus filhos.

Eu fico aqui até o Dia do Julgamento, mas se ninguém Me quiser Eu ficarei com Meus pouquinhos – o pouquinho que está comigo - com esse pouquinho Eu vou vencer³².

Vou julgar os vivos e os mortos. Vocês se preparem muito para a Minha Chegada! A Minha Chegada não vai demorar. Vou andar no meio do povo. Muitos não vão me reconhecer. Eu sou Jesus. Muitos ficarão de joelhos e muitos Me jogarão pedras. Meus filhos, agora é tempo do julgamento.

Na hora que vocês pensarem que têm preguiça de se levantar para ir a Santa Missa, também não tema minha graça! Meus filhos sacudam a poeira! É tempo de todos acordarem! Não durmam! Levantem filhos, porque agora é tempo! Aquele que ficar dormindo ficará adormecido! Procurem-me enquanto é cedo, não deixe para Me procurar tarde, porque um dia vocês irão morrer!³³.

No tempo em que estais vivendo, da grande tribulação, minha presença materna tornar-se-á cada vez mais forte e extraordinária.

Quanto maior e universal for o domínio do meu adversário, o dragão vermelho, tanto maior e universal será também a presença vitoriosa da Mulher vestida de sol.

Começa já a manifestar-se claramente o plano que Eu, em segredo, ia ideando, a fim de concretizar os meus desígnios sobre o Movimento

²⁹ PICOLLI, Cristiano - **Os Direitos da Rainha do Céu e da Terra** - mensagens e milagres na Santa Montanha. Guiricema, MG -1988, p. 12.

³⁰ BOLETIM SANTA MONTANHA - número 51 (04/06/2000).

³¹ BOLETIM SANTA MONTANHA – número 41 (01/08/1999).

³² BOLETIM SANTA MONTANHA – número 43 (30/10/1999).

³³ BOLETIM SANTA MONTANHA – número 48 (05/03/2000).

Sacerdotal, destinado por Mim, como exército de ordem de batalha para alcançar a vitória decisiva (cf Cânt. 6,3.9).

E qual a tarefa destes meus filhos que agora se encontram unidos, pela primeira vez?

Agora devem preparar-se, devem estar prontos:

Às minhas ordens, porque em breve chamá-los-ei e deverão todos responder-Me, prontos para serem empregados por Mim na defesa de Meu Filho, de Mim, do Evangelho e da Igreja (Aos sacerdotes, filhos prediletos de Nossa Senhora –p. 14/15)³⁴.

Notar como, embora um novo tempo esteja sempre sendo anunciado, ele nunca é mostrado ou datado, é, tão somente, pressuposto e acreditado.

A relação peculiar dos movimentos messiânicos com o tempo também é fator ressaltado por outros autores como Duglas Teixeira Monteiro, Mullman, Kochakowicz ou Lanternari.

Duglas, orientando de Pereira de Queiroz e partindo do mesmo ponto comparativo que sua mestra, em seu livro *“Errantes do Novo Século: Um Estudo Sobre o Surto Milenarista do Contestado”*³⁵ nos traz um texto um pouco denso, porém riquíssimo em sua análise antropológica privilegiando questões culturais, místicas e religiosas do movimento do Contestado.

A grande diferença entre os dois autores seria a metodologia escolhida, enquanto Pereira de Queiroz parte de fatores exógenos ao universo estudado e recorre a conceitos genéricos (messianismo, revolução, reforma, anomia) para atribuir-lhes significado, Duglas Teixeira Monteiro opta por partir das concepções dos próprios agentes e das relações por eles definidas como relevantes para seu estudo.

Também faz o autor uma comparação entre o movimento do Contestado e seus congêneres de Canudos e os seguidores de Padre Cícero. Este texto é provavelmente a maior e mais completa análise deste que é, segundo o autor,

³⁴ BOLETIM SANTA MONTANHA – número 49 (06/04/2000).

³⁵ MONTEIRO, Duglas Teixeira - **Os Errantes do Novo Século: um estudo sobre o surto milenarista Contestado**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1974 (Série Universidade, 2).

o único surto brasileiro que teria revelado inequívocas feições de uma mobilização milenarista, constituindo uma autêntica ruptura da ordem estabelecida.

Interessante notar que o autor constrói toda sua argumentação baseando-se nos dados colhidos por Pereira de Queiroz e Maurício Vinhas, o que pode ser criticado devido às naturais falhas na escolha das fontes primárias escolhidas. Note-se também a feição política e marxista implícita nas afirmações de Duglas ao partir da dominação patrimonialista da sociedade brasileira para chegar a gênese do movimento. O referido autor chega, então, à conclusão de que a mistura entre coerção e consenso que caracteriza tal amálgama rompeu-se em decorrência da modernização da região serrana do Contestado.

A organização da comunidade messiânica do Contestado num tempo e espaço míticos é outro dos pontos fulcrais na análise de Duglas Teixeira Monteiro, que também questiona a canhestria de certos pesquisadores onde os aspectos religiosos/míticos/simbólicos são negligenciados em detrimento de aspectos como a questão da luta social enquanto instrumento de modificação. O autor em questão define três fases relevantes para a explicação do movimento messiânico que se propõe a analisar em primeiro plano: a) A ordem pretérita (unidade ideológica assentada basicamente no catolicismo rústico); b) O desencantamento do mundo (crise do mandonismo local); c) O re-encantamento do mundo (o surgimento do messianismo como opção de construção de uma nova sociedade alternativa)³⁶.

No fundo sua análise corrobora as teses de Maria Isaura, ressaltando a questão da anomia ou da crise social como o grande facilitador para o surgimento dos movimentos messiânicos, embora aqui a importância dada à religião e à simbolização sejam aumentadas. Apesar disso, ainda existe uma diferença fundamental entre os dois, pois Maria Isaura insiste na total

³⁶ Podemos associar ao contexto da Santa Montanha onde a ordem pretérita seria o passado mítico que a localidade busca; o desencantamento do mundo quando o modo de estruturação parental é substituído graças ao PRODEMATA (Programa de Desenvolvimento da Zona da Mata) por uma forma de organização regida pelas relações de capital e o re-encantamento do mundo aparece no surgimento da visão de Maria, quando prega que os eleitos serão aqueles que se comportarem como antes, como no passado idealizado e mítico.

autonomia entre os movimentos messiânicos e a sociedade global, enquanto Douglas demonstra a articulação entre os setores moderno e tradicionalista da sociedade, e como os estímulos externos à segunda têm seu papel na gestação dos movimentos messiânicos.

Douglas oferece ainda uma explicação muito original e bastante satisfatória para o surgimento dos movimentos messiânicos ao enfatizar o papel do compadrio como elemento determinante na condução dos movimentos messiânicos. Para ele a colocação de cada elemento do movimento do Contestado se dá principalmente devido à presença dos pares relacionais dentro do movimento. Este elemento é facilmente verificável na Santa Montanha, onde uma das principais formas de adesão ao movimento são as graças concedidas aos familiares ou mesmo aos conhecidos.

Para alguns autores³⁷ a concepção moderna com que percebemos a passagem do tempo (ou a representação ocidental do tempo) tem a ver com a visão messiânica judaica do mundo: A concepção judaica de que o destino de um povo se move para uma final realização messiânica e apocalíptica marca diretamente a concepção cristã do tempo. Toda a linearidade depois herdada pela filosofia e ciências baseadas no pensamento evolucionista deve seu cerne temporal a esta concepção temporal judaico-cristã.

Contra esta imagem do devir que procede unilinearmente, nas culturas ditas primitivas dos povos extra-ocidentais e nas culturas da Antiguidade clássica e pré-cristã prevalece uma imagem do devir como retorno do idêntico. O tempo é concebido segundo ciclos perenes marcados pelo ritmo biológico e natural do dia, das estações, dos astros, das gerações. A passagem da concepção cíclica à concepção messiânica do tempo marca um nó na história mundial do pensamento. Comporta (...) uma nova valorização da relação entre homem e mundo³⁸.

³⁷ MÜHLMANN, W. - **Chiliasmus und Nativismus. Studien zur Psychologie, Soziologie und historischen Kasuistik der Umstürzbewegungen**, Berlin, 1964; KOCHAKOWICZ, L. – Heresia. IN: ROMANO, R. **Enciclopedia Einaudi**. V.39. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1987, p. 301-325.

³⁸ LANTERNARI, V. – Milênio. IN: ROMANO, R. **Enciclopedia Einaudi**. V.39. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1987, p. 303-324, p. 282.

A velha concepção do tempo cíclico implica na colocação da humanidade entre dois ciclos aos quais ela se encontra absolutamente alijada: a era do caos, da qual se origina a ordem e a fundação do mundo (cosmogonia), do gênero humano (antropogonia) e da cultura e a era do regresso às origens, que, em certos mitos, coincidem com o fim do mundo ou a realização de uma condição paradisíaca. Não existe nenhuma continuidade entre o devir humano e as duas eras entre as quais se situa, nenhuma relação direta, nenhuma continuidade de experiências; existe, sim, uma nítida fragmentação entre o presente e o passado, como experiência vivida, e a imagem de um futuro que assume a configuração de um fim do mundo sem remissão ou de regresso a um estado primordial de coisas que se aparta totalmente do presente, ao qual se opõe semanticamente.

A idéia messiânica, com sua teleologia³⁹ da história, reabsorve e engloba na ordem histórica humana o conjunto das origens e do fim do mundo, revivendo-os a cada momento de exaltação. Um simbolismo claro deste re-nascer e de novo morrer pode ser encontrado na seqüência do calendário romano-cristão, onde a morte e a ressurreição, o início e o fim dos tempos são simbolicamente re-vividos a cada período solar⁴⁰.

O cristianismo, mesmo com o advento da vinda do messias – Jesus – ainda assim associou a mitologia apocalíptica do fim dos tempos à crença messiânica, do que derivou uma nova espera apocalíptica e o re-surgimento de um Cristo Renovado, o qual combateria o Anti-Cristo, o mal encarnado. Esta espera de um Cristo guerreiro pode ter influenciado mesmo alguns dos movimentos messiânicos conferidos na virada do século passado no Brasil, como nos casos do Contestado ou Canudos.

Na Santa Montanha é o tempo escatológico quem rege toda a comunidade que vive em torno da espera pelo dia Juízo Final. Toda a construção simbólica da comunidade gira em torno da certeza de que eles são os escolhidos por Nossa

³⁹ Teleologia é a doutrina, provavelmente fundada em Aristóteles, que estuda as origens e os fins últimos da natureza, da sociedade e da humanidade.

⁴⁰ LANTERNARI, V. – Milênio. IN: ROMANO, R. **Enciclopedia Einaudi**. V.39. Lisboa:Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1987, p. 303-324.

Senhora e que estão no local escolhido por Ela donde se salvarão. Sua crença de que os tempos antigos voltarão reflete bem a impressão circular do tempo característica da espera messiânica⁴¹.

Como surgem os movimentos messiânicos para Hobsbawm? O autor relata como as dificuldades de adaptação a um novo modo de estruturação social, que geralmente envolve o re-escalonamento do sistema produtivo, passando para o capitalismo, geralmente através de reformas liberais ou jacobinas, têm efeitos cataclísmicos nas sociedades estruturadas segundo um modo de produção parental⁴², quando esta mudança ocorre de forma radical, seja por uma conquista externa ou revolução, estas conseqüências são ainda mais trágicas.

Anteriormente associamos o surgimento da Santa Montanha ao re-escalonamento produtivo ocorrido após o Programa de Desenvolvimento da Zona da Mata (PRODEMATA), quando um sistema produtivo agropecuário baseado no modelo familiar de subsistência foi repentinamente, por forças muito além das conhecidas e compreendidas pelos camponeses, substituído pelos altos investimentos dos grandes proprietários subsidiados pelas verbas do Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD),

⁴¹ Podemos perceber através da análise do discurso em algumas passagens das mensagens colocadas neste trabalho a forma peculiar do tratamento do tempo na Santa Montanha, por exemplo:

Quanto maior e universal for o domínio do meu adversário, o dragão vermelho, tanto maior e universal será também a presença vitoriosa da Mulher vestida de sol.

Começa já a manifestar-se claramente o plano que Eu, em segredo, ia ideando, a fim de concretizar os meus desígnios sobre o Movimento Sacerdotal, destinado por Mim, como exército de ordem de batalha para alcançar a vitória decisiva (cf Cânt. 6,3.9).

E qual a tarefa destes meus filhos que agora se encontram unidos, pela primeira vez?

Agora devem preparar-se, devem estar prontos:

Às minhas ordens, porque em breve chamá-los-ei e deverão todos responder-Me, prontos para serem empregados por Mim na defesa de Meu Filho, de Mim, do Evangelho e da Igreja (Aos sacerdotes, filhos prediletos de Nossa Senhora –p. 14/15).

⁴² HOBBSBAWM, Eric J. - **Rebeldes Primitivos: estudos de formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX**. 2a edição revista e ampliada, tradução de Waltensir Dura, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978 (Biblioteca de Ciências Sociais - Sociologia e Antropologia), p. 73.

tornando estes, que eram os antigos proprietários, em subempregados ou mesmo expulsando-os para as periferias dos lugares e cidades próximas.

Hobsbawm, concordantemente, associa os movimentos milenares europeus, que ele estuda, às condições econômicas: *As condições econômicas determinam, naturalmente, o momento e a periodicidade dos surtos revolucionários*⁴³. Ou seja, para Hobsbawm os movimentos messiânicos só ocorrem em situações em que o mundo vive grandes mudanças no sistema produtivo e certos grupos têm dificuldade em absorvê-las⁴⁴; são, portanto, reações ao natural evolucionismo mercantilista da sociedade.

Os surtos milenares são, para Hobsbawm, formas muito ambiciosas de rebelião social primitiva: *embora esperem o milênio, a vinda do messias, estão sempre em movimento, preparando-se para, quando a oportunidade se fizer, agir com o esforço próprio na direção da criação de uma nova sociedade*⁴⁵.

O movimento de doutrinação e busca de novos fiéis, são encontrados em quase todos os movimentos de cunho milenarista. A Santa Montanha não é exceção, mas uma clara preparação para a criação de uma nova sociedade. Outro exemplo é encontrado na preparação franciscana para a nova era, feita sempre através da pregação e da conversão de novos fiéis.

Para Hobsbawm *movimentos milenares têm sempre um aspecto pré-político, são inferiores como forma de luta social e menos eficazes do que as cooperativas camponesas*⁴⁶; pré-políticos no tanto em que não visam, normalmente, operações em escala estatal, ou no nível em que são tomadas as decisões importantes de governo; *pré-políticos, também, na medida em que*

⁴³ HOBBSBAWM, Eric J. - **Rebeldes Primitivos: estudos de formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX**, p 85.

⁴⁴ HOBBSBAWM, Eric J. - **Rebeldes Primitivos: estudos de formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX**, p 206.

⁴⁵ HOBBSBAWM, Eric J. - **Rebeldes Primitivos: estudos de formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX**, p. 209.

⁴⁶ HOBBSBAWM, Eric J. - **Rebeldes Primitivos: estudos de formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX**, p. 211.

*só deram origem aos conceitos e às idéias necessárias a estas operações de modificação estrutural na sociedade*⁴⁷.

Os movimentos messiânicos só tratam dos problemas limitados de seu mundo circundante e, quando tratam de problemas mais amplos, que englobam o grosso da sociedade, mas que não conseguem atingir, é porque estes problemas não têm solução. *Pré-políticos no tanto em que envolvem pessoas pré-políticas que ainda não encontraram ou apenas começaram a encontrar uma linguagem específica que manifeste seus desejos ou aspirações sobre o mundo*⁴⁸.

Alguns problemas, que Hobsbawm coloca para aqueles que forem estudar os movimentos milenares, são: até que ponto são eles meras relíquias do passado, destinadas a desaparecer lentamente, ou a perder seu significado político (ou pré-político)? Até onde são aspectos do relativo atraso de sua localização ou de camadas particulares? Até que ponto indicam que os movimentos sociais modernos devem alargar seu âmbito de ação, ou modificar sua análise para que não fracassem em suas tentativas e deixar que os movimentos populares sejam organizados e dirigidos, ou levados a cabo por líderes cuja mente reflita um atraso fundamental na ideologia? A partir de quando, na sociedade moderna, só movimentos sociais modernos políticos estabelecem-se como principais veículos das aspirações populares suplantando os movimentos milenares? Como crítica, talvez seja possível colocar a maneira como, de forma implícita, tais abordagens do autor refletem sua visão de que os movimentos messiânicos sejam formas atrasadas e retrógradas de revolução social, questão, como vimos anteriormente, da qual Maria Isaura P. Queiroz é ferrenha crítica.

Hobsbawm coloca todos os movimentos messiânicos em uma única categoria de movimentos sociais, do que também discorda Maria Isaura Pereira de

⁴⁷ HOBBSBAWM, Eric J. - **Rebeldes Primitivos: estudos de formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX**, p.212.

⁴⁸ HOBBSBAWM, Eric J. - **Rebeldes Primitivos: estudos de formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX**, p. 12.

Queiroz, que os subdivide em, ao menos, três categorias: *aqueles relacionados à formação de sociedades globais; os movimentos relacionados à configuração interna de sociedades globais e movimentos relacionados à formação e a configuração interna de sociedades globais, ao mesmo tempo*⁴⁹.

A Santa Montanha, enquanto movimento sócio-religioso que surge como um processo de defesa simbólica de agricultores simples frente a uma nova estruturação produtiva, relaciona-se à segunda questão, a de movimentos relacionados com a configuração interna de sociedades globais.

Outro ponto a que Hobsbawm nos chama a atenção e que é utilizada por diversos autores posteriormente (inclusive Maria Isaura) é a divisão dos movimentos messiânicos ou milenaristas em dois tipos: Reformistas ou revolucionários. Reformistas quando querem apenas modificar a estrutura social, adaptando-a às suas “exigências”; revolucionários no tanto em que querem realmente criar uma estrutura social inteiramente nova:

Os reformistas aceitam a estrutura geral de uma instituição ou disposição social, mas a consideram passível de melhoria ou, quando abusos nela se infiltram, de reforma. Os revolucionários insistem em que deve ser fundamentalmente transformada ou substituída⁵⁰.

Para Maria Isaura, utilizando-se das denominações de Hobsbawm, os movimentos messiânicos são sempre revolucionários, entre outras coisas, porque é sempre possível se considerar até que nível o passado pode ser idealizado a ponto de se sustentar como um modelo para o futuro, sendo necessário, não exatamente construir um mundo inteiramente novo, mas recriar um pseudo-passado onde as injustiças sociais sejam inexistentes. Portanto, para ela, mesmo o objetivo de reconstruir um mundo velho, baseado

⁴⁹ PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura - **O messianismo no Brasil e no mundo**. 2a edição, prefácio de Roger Bastide. São Paulo: Alfa-Omega, 1976 (Biblioteca Alfa-Omega de Ciências Sociais - 1a - Sociologia, 6), p. 308/309, 317.

⁵⁰ HOBBSBAWM, Eric J. - **Rebeldes Primitivos: estudos de formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX**. 2a edição revista e ampliada, tradução de Waltensir Dura, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978 (Biblioteca de Ciências Sociais - Sociologia e Antropologia), p. 20.

no passado, é o objetivo de construir um mundo totalmente novo no tanto que o *passado idealizado é apenas, e tão somente, imaginado*⁵¹.

Outra colocação sobre o porquê Maria Isaura considerar sempre os movimentos messiânicos como revolucionários pode ser porque, por acontecerem sempre em momentos de tensão entre o modelo produtivo industrial e o modelo guiado pelos laços de parentesco, sempre buscam uma total re-estruturação do sistema sobre o qual está construída nossa sociedade (o capitalista). Para esta autora, lembrando,

os movimentos messiânicos ocorrem em momentos de “dualidade estrutural”, devido à coexistência e interação de duas sociedades radicalmente distintas; à tensão entre um novo sistema socioeconômico que se desenvolve, e outro antigo; ou a uma sociedade estruturada de tal maneira que nela são provocados rompimentos periódicos das relações sociais, que devem ser logo reconstruídas, até que haja novamente a ruptura e assim sucessivamente⁵².

Entretanto, para a autora, todos os movimentos messiânicos têm em comum sua associação com uma estrutura social baseada no parentesco, ao menos os estudados por ela, e é este o sistema que sempre irão tentar reconstruir ainda que contra o curso atual do sistema que é capitalista e globalizante. Portanto, todo movimento messiânico busca uma total re-estruturação da forma de produção e arranjo social, sendo, portanto, sempre um movimento revolucionário (ainda que fadado sempre ao fracasso, pela incapacidade de mudar totalmente a estruturação social em que vivem os homens), utilizando-se dos conceitos de Hobsbawm.

Assim, será que podemos classificar o movimento em torno da vidente D. Levina na Santa Montanha como um movimento messiânico, levando em conta os conceitos de revolucionário ou reformista? De acordo com as idéias de

⁵¹ PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura - **O messianismo no Brasil e no mundo**. 2a edição, prefácio de Roger Bastide. São Paulo: Alfa-Omega, 1976 (Biblioteca Alfa-Omega de Ciências Sociais - 1a - Sociologia, 6), p. 205.

⁵² HOBBSBAWM, Eric J. - **Rebeldes Primitivos: estudos de formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX**. 2a edição revista e ampliada, tradução de Waltensir Dura, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978 (Biblioteca de Ciências Sociais - Sociologia e Antropologia), , p 205, cita a autora e suas idéias centrais.

Hobsbawm, os seguidores dos movimentos messiânicos nem sempre são revolucionários, nem sempre querem mudar todo o mundo eliminando suas estruturas e reiniciando novas, normalmente eles esperam que a revolução se faça por si mesma, pela revelação divina, por um anúncio vindo do alto ou por um milagre⁵³:

O papel do povo, antes da mudança, é reunir-se, preparar-se, observar os sinais da catástrofe iminente, ouvir os profetas que predizem o advento do grande dia, e talvez tomar certas medidas rituais na espera do momento de decisão e transformação, ou purificar-se, abandonando as impurezas do mundo mau do presente, para ingressar no novo mundo em estado de pureza reluzente⁵⁴

Em nossa análise não conseguimos conceber os freqüentadores da pia Santa Montanha como revolucionários rebeldes em luta contra o “*status quo*”, parecemos que aqueles habitantes e visitantes que faziam a Santa Montanha esperavam, sim, o milênio, mas aguardavam-no em suas tarefas e papéis socialmente designados, sem revoltas ou intrigas; sua maior queixa (conforme pode ser analisado nas prédicas analisadas previamente e relatadas em capítulos anteriores) é contra a atual situação moral humana e a nova estruturação dos valores interpessoais. Por exemplo, para entrar nas terras da Santa Montanha apenas se vestido de maneira considerada adequada para aqueles padrões: homens em calças compridas e camisas de manga, mulheres apenas de saias longas, utilizando-se do véu para cobrir os cabelos e sem maquiagem; os religiosos, padres ou freiras, utilizam-se de pesada vestimenta, parecida com aquela já abolida pela Igreja católica atual; os namoros e condutas sexuais são rigidamente controlados, e outros mais detalhes da vida moral. A simbolização da luta de classes atingiu tal grau de refino, que as motivações primárias que fizeram surgir este movimento foram deslocadas inteiramente para as condutas morais.

⁵³ HOBBSBAWM, Eric J. - **Rebeldes Primitivos: estudos de formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX**, p. 65.

⁵⁴ HOBBSBAWM, Eric J. - **Rebeldes Primitivos: estudos de formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX**, P. 66.

Considerá-los, assim, revolucionários em busca da reestruturação da sociedade global para uma sociedade parental parece-nos um pouco forçado. Porém, quando pensamos na crise gerada pela intersecção de duas formas de estruturação social, como pensa Pereira de Queiroz, devemos dar todo crédito à pesquisadora: parece nítido o conflito da estruturação entre uma sociedade rural estabelecida conforme certas regras prestes a se romperem frente a uma nova organização globalizante e neoliberal. Isto pode ser visto numa manifestação bastante curiosa da própria família da mensageira, que tem uma das filhas adepta do visual “gótico,” com unhas pintadas de tons escuros, roupas negras e cabelos tingidos em cores vibrantes, curioso contraste com a beatitude das vestimentas dos fiéis rurais.

Logicamente poderíamos analisar esta variável sob aspecto psicológico considerando as teorias sobre a “revolução” adolescente, mas preferimos deixar no ar apenas as indicações. Porém, embora não queiram mudar todo o sistema produtivo sob o qual vivem os homens, eles são revolucionários no sentido de uma re-estruturação para o passado. Ali se prega o retorno a um passado mítico ligado a valores religiosos e a padrões de comportamento cristão pregado nos evangelhos, mas, provavelmente, nunca executados.

A revolução social é apenas um simbolismo cristão para a formação ou o retorno a um padrão moral anterior, onde as estruturas de gênero eram mais inflexíveis. A mudança do padrão produtivo, embora fosse causa para o surgimento os anos 60, agora já não mais atua como motor para a fé já cristalizada em Nossa Senhora da Santa Montanha. Não existe nenhuma ilusão de re-escalonamento ou re-distribuição de bens, sejam eles de produção ou de consumo.

Para Hobsbawm, muitas vezes os movimentos milenares são absorvidos ou se transformam em movimentos revolucionários modernos, neste caso mantêm seu desprezo pela situação atual do mundo, buscando mudá-lo de acordo com suas crenças, porém suas crenças ou ideologias geralmente são substituídas por outras mais amplas que englobam ideologias revolucionárias, sejam elas anarquistas, comunistas, socialistas, nacionalistas ou quaisquer outras. Porém,

para Maria Isaura é impossível considerar os movimentos messiânicos como precursores dos movimentos comunistas ou socialistas, outrossim, como já o diz Hobsbawm, *é perfeitamente legítimo investigar até que ponto a existência do comunismo religioso das seitas predispõe as mentes individuais a aceitarem o comunismo secular das massas*⁵⁵.

Na Santa Montanha, apesar de podermos notar suas adaptações ao mundo moderno - até sua propriedade é administrada, atualmente, por uma ONG (Organização não governamental), ou sua página na rede mundial de computadores (atualmente fora do ar) – não acreditamos nesta facilitação para a comum utilização dos métodos produtivos, fundamentalmente porque ali não se produz absolutamente nada: Apesar da posse, digamos, coletiva da terra, que pertence à Associação da Misericórdia, não existe produção a ser comercializada além da fé, que é o produto que a Santa Montanha “vende” e do qual se sustenta, embora sempre seja preciso que se note que outros aspectos podem ser considerados em contrário, como a absoluta proibição quanto à circulação de dinheiro. Mas os espaços delimitados para cada um são propriedades particulares, cada um cuida e constrói, uma vez que convidado pela Santa, sua própria casa; e esta casa, como em qualquer outra localidade do país, é um domicílio inviolável.

Desse modo, vemos como a movimentação em torno da vidente D. Levina no município de Guiricema assume feições messiânicas quando colocada frente às designações de Pereira de Queiroz, no tanto em que se reúne em torno de um messias (ou de uma profetisa), possui estratificação característica (D. Levina, as Irmãs Carmelitas e os fiéis), a crença na construção de um mundo melhor após a chegada (iminente) do Cristo (conforme relatado nas prédicas analisadas e citadas posteriormente) e a ação nos problemas sócio-políticos da região, particularmente nos problemas que envolvem o isolamento da comunidade e a dificuldade em contar com o poder legalmente instituído para resolução de problemas, principalmente os de saúde pública.

⁵⁵ HOBBSBAWM, Eric J. - **Rebeldes Primitivos: estudos de formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX**. 2a edição revista e ampliada, tradução de Waltensir Dura, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978 (Biblioteca de Ciências Sociais - Sociologia e Antropologia).

Quando observamos a questão da estruturação social nos termos definidos como sociedade de arranjos parentais, percebemos, como em quase toda estrutura de arranjo social rural, como os laços de parentesco realmente regem as relações sociais nestas comunidades, embora possamos nos perguntar a respeito da integração deste tipo social estrutural na comunidade geral em tempos como os de hoje em dia, onde as realidades são dificilmente mediadas por instituições como parentesco ou paróquias, uma vez que o mundo se tornou, todo ele, um pequeno feudo, onde a geografia encontra seu fim nos espaços virtuais das comunicações (como já foi dito, a própria Santa Montanha conta com uma página na rede mundial de computadores)⁵⁶.

Não existem mais comunidades absolutamente isoladas do mundo. A própria Santa Montanha é uma pequena vila, para onde somente nos finais de semana e, particularmente nos primeiros finais de semana de cada mês, quando acontecem as aparições de Nossa Senhora, acorrem seus milhares de visitantes que, outrossim, vivem, em sua maioria, nas cidades ao redor, uma delas dotada de uma grande Universidade pública (Viçosa).

Quando pensamos nas características propostas por Hobsbawm, vemos nitidamente a insatisfação dos fiéis com o “estado das coisas” e sua profunda convicção de que é possível mudar o mundo, assim como sua ideologia apocalíptica judaico-cristã; também quando analisamos as razões propostas pelo autor como desencadeadoras dos movimentos messiânicos e as colocamos lado a lado com a situação da Santa Montanha, conseguimos enxergar facilmente os motivos sócio-econômicos que, segundo este autor, sustentariam o aparecimento dos movimentos messiânicos, como já citado, a re-estruturação do sistema produtivo agrícola nos anos sessenta na Zona da Mata mineira, particularmente naquela micro-região.

⁵⁶ Roger Bastide (1973) propõe, ao contrário de Pereira de Queiroz e Hobsbawm, que os movimentos messiânicos são sempre relacionados à fome e à miséria e que estão ligados sempre a civilizações atrasadas e não a re-estruturação de uma forma parental para uma estrutura capitalista. Os dois outros autores dizem que os movimentos messiânicos acontecem na passagem de uma sociedade regida pelas normas do parentesco para uma regida pelo sistema monetário de trocas.

Aparentemente, porém, o momento atual da Santa Montanha já não reflete mais a questão da re-alocação dos recursos produtivos, uma vez que observamos muitos freqüentadores com situação financeira, no mínimo, bastante estável (a própria “proprietária” das terras, ou quem cedeu o espaço físico da Santa Montanha para a Associação da Misericórdia, é uma moradora da capital, razoavelmente abastada), embora sempre haja os muito mais necessitados e estes sejam a imensa maioria.

Por outro lado, talvez possamos também especular em torno desta questão se relacionarmos o surgimento da Santa Montanha ao momento de revolução política vivido no país então: lembremos que estávamos em 1966 quando a Santa Maria fez sua primeira aparição, momentos iniciais do pós-golpe militar de 1964, um momento de mudança de certos hábitos então desenvolvidos como a liberdade de expressão; porém, nesta análise, que é limitada, preferimos associar o surgimento e ascensão de um movimento de santidade ao isolamento e à re-estruturação produtiva da área naquela época, o que tornava a região propícia ao surgimento de crenças que misturavam o catolicismo fervoroso do interior mineiro às necessidades de cura médica e bênçãos agrícolas pelas quais passavam – e ainda passam – tantos rincões esquecidos neste país de terceiro mundo.

Pensamos que talvez possamos associar o surgimento da Santa Montanha ao momento de crise social atravessado no país que talvez tenha gerado uma certa anomia, particularmente naquela parte afastada do país, concordando então com Pereira de Queiroz.

Aliviados da tensão política e contestatória contida nos movimentos messiânicos “clássicos” analisados pelos dois autores em questão, o culto profético da Santa Montanha, assim como muitos outros seus contemporâneos, desenvolve atitudes místicas de “fuga do mundo”, fora de comprometer-se operativos de revolução ou reforma social global. Apontam, outrossim, para a salvaguarda dos males físicos e mentais, estes últimos excepcionalmente graves em relação às questões de anomia da moderna sociedade globalizada.

Concomitantemente, perante a ameaça à identidade individual e social representada pela crise das identidades estruturais familiares, grupais ou territoriais, *tais cultos fornecem sistemas substitutivos de re-agregação comunitário de tipos efetivo ou voluntário e, conseqüentemente, novos sistemas de auto-identificação e re-alocação no mundo, funcionando como comunidades de salvação e colocação social*⁵⁷

⁵⁷ LANTERNARI, V. – Milênio. IN: ROMANO, R. **Enciclopedia Einaudi**. V.39. Lisboa:Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1987, p. 303-324.

III. CAPÍTULO II - A SANTA MONTANHA ENQUANTO MOVIMENTO MESSIÂNICO BASEADO NA ANÁLISE DO DISCURSO DE SUAS PRÉDICAS

Surgida na França na década de sessenta, a partir dos estudos de Michel Pêcheux sobre o estruturalismo, Althusser, Marx e Lacan, a análise do discurso coloca o estudo da alocação num terreno em que intervêm questões teóricas relativas à ideologia e ao sujeito, ressaltando o caráter inconsciente na construção do enunciado.

O discurso é concebido por Pêcheux como *o lugar para onde convergem componentes lingüísticos e sócio-ideológicos*⁵⁸, ou seja,

neste contexto o sujeito enunciadador não decide sobre os sentidos e as possibilidades enunciativas do próprio discurso, mas tão somente ocupa um lugar social e a partir dele produz um enunciado que considera sujeito e meio; seu enunciado leva em conta o conteúdo sócio-ideológico que o atravessa e aos componentes lingüísticos que nele convergem. Logo, o indivíduo não é livre para dizer o que bem entende, como muitas vezes o próprio pode acreditar, ele é levado inconscientemente a utilizar-se das máscaras sociais que o levam a ocupar um determinado lugar que pode ser o de, por exemplo, “professor, padre, juiz do supremo, empregado certo, prostituta, pobre a valer, operário explorado, doente de uma doença incurável, sedento de justiça ou capitão da cavalaria”⁵⁹.

Em outras palavras, para Pêcheux, é como se houvesse uma “máquina discursiva”, um dispositivo capaz de determinar, em relação com a história, as possibilidades discursivas dos sujeitos inseridos em determinadas formações sociais. Assim, as funções do discurso estão relacionadas às instâncias pedagógica, simbólica, mobilizadora e reparadora.

A função pedagógica garante a aprendizagem das crenças e ideologias que mantêm uma instituição, seja ela igreja, exército ou escola. É através do

⁵⁸ PÊCHEUX, Michel. **O discurso** – estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1997, p. 54.

⁵⁹ PÊCHEUX, Michel. **O discurso** – estrutura ou acontecimento, p. 414.

discurso também que se legitimam os preceitos destinados a regular os comportamentos.

A função simbólica está particularmente presente no discurso religioso. A especificidade da linguagem adotada pelo grupo religioso (particularmente o messiânico) só é inteiramente apreendido pelos membros iniciados, só assim ele servirá de suporte a funções mobilizadora e reparadora. Esta função permeia a todas as outras funções⁶⁰.

A função mobilizadora relaciona-se com os valores defendidos pela instituição. Esta função pode ser facilmente detectável quando a liderança se mobiliza ao perceber algumas de suas crenças sendo relegadas a segundo plano pelos fiéis. Neste caso existe, então, todo um discurso de confirmação e reafirmação das crenças.

A função reparadora acontece quando algumas regras ou normas são quebradas e o discurso aparece como o responsável pelo re-estabelecimento da ordem, seja através de admoestações, seja através de disciplina ou exclusão. A função reparadora reafirma o que foi ensinado na função pedagógica e identificado como problema na função mobilizadora.

Fundamentais para a nossa análise do discurso religioso são também os conceitos da prática discursiva, definida como a dimensão do uso da linguagem que envolve os processos de produção, distribuição e consumo dos textos; a prática social, dimensão relacionada aos conceitos de ideologia e poder, na qual o discurso é visto numa perspectiva política de hegemonia e de evolução das relações institucionais como luta preponderante; a heterogeneidade manifesta, que seria a presença manifesta na superfície do texto, de outros textos; e a interdiscursividade, também chamada de heterogeneidade constitutiva, que seria a constituição de um tipo de discurso através da combinação de elementos das ordens do discurso⁶¹.

⁶⁰ PÊCHEUX, Michel. **O discurso** – estrutura ou acontecimento, p. 424.

⁶¹ PÊCHEUX, Michel. **O discurso** – estrutura ou acontecimento, p. 214.

O enunciado – ou a unidade elementar do discurso, e a enunciação, sujeito definido tão somente através da palavra do outro, também são conceitos úteis na avaliação do discurso da mensageira da Santa Montanha feito a seguir.

O discurso religioso pode ser considerado um tipo especial de discurso, uma vez que difere em seus constituintes das outras formas. Ele tende fortemente para a monossêmia⁶² – uma interpretação excessiva do texto religioso pode ser considerada heresia, assim como tende também para a não reversibilidade, uma vez que segundo este mesmo discurso, Deus e o homem não podem trocar de lugar. Melhor seria dizer que ele tende para uma ilusão de reversibilidade, já que existem as chamadas formas de ultrapassagem da reversibilidade, tais como os casos da profecia, onde o homem vai até o lugar de Deus ou ainda os casos dos rituais performativos, como as missas ou as bênçãos, quando Deus desce até os homens. Assim, mesmo que tente, quem fala pela voz do sacerdote é sempre Deus, ou melhor, quem fala, o sujeito do enunciado, é sempre Deus. *A irreversibilidade reside no fato de que o sacerdote nunca é Deus, apenas transmite suas palavras*⁶³.

De fato, o discurso religioso surge da tensão resultante do embate entre o discurso teológico – o arcabouço teórico da religião, e o discurso religioso popular – aquele da relação informal cotidiana com os santos. Talvez a principal característica do discurso religioso seja a divisão de dois planos: a) O plano temporal no qual a relação com o sagrado se faz mediado pelos representantes da igreja – padres, bispos, papa, profetas, mensageiros; b) O plano espiritual no qual a mediação é feita pelos santos (na Santa Montanha, pela própria Nossa Senhora). Neste tipo de representação, necessitam uns dos outros para se legitimarem, e todos precisam de Deus que, por sua vez, é reconstruído pelos homens fiéis e só adquire existência e legitimação através de seus seguidores.

⁶² Diz-se de um texto monossêmico que ele tem apenas uma interpretação (de monos = um; semia = significado; a característica das palavras que têm um só significado. Isso dificilmente acontece, uma vez que o significado é passível de interpretações variadas. Em princípio, apenas as palavras técnicas seriam monossêmicas, uma vez que têm única interpretação).

⁶³ ORLANDI, Eni P. - **A linguagem e seu funcionamento** - As Formas do Discurso. Campinas, SP: Pontes, 1987, p. 246.

O que marca definitivamente o discurso religioso é a ideologia nele refletida. Se a ideologia cristã é o modelo de todas as outras ideologias, tem-se que toda ideologia é especular no sentido em que precisa sempre de um grande outro para refletir-se nos sujeitos⁶⁴. Esta estrutura duplicada, ou especular garante, como afirma Orlandi:

a) a transformação do indivíduo em sujeito; b) a submissão dos sujeitos ao Grande Sujeito; c) o reconhecimento mútuo entre os sujeitos e o Grande Sujeito, bem como o reconhecimento do Grande Sujeito por ele próprio e d) a garantia de que tudo estará bem na condição de os sujeitos reconhecerem o que são e que, se se conduzirem de acordo com o estipulado, tudo correrá bem⁶⁵.

Dentro dessa concepção formam-se sujeitos clivados, constroem-se neles duas subjetividades: uma livre, centro de iniciativas, e outra, submetida ao Grande Outro. Na ideologia religiosa o sujeito é interpelado como sujeito livre para que aceite livremente sua sujeição; o conteúdo da ideologia religiosa inclui, portanto, uma contradição (ou se constitui a partir de uma contradição) na qual o livre arbítrio do sujeito traz consigo uma coerção. Assim coagido o sujeito só é aprovado pela comunidade se aceitar convictamente a palavra divina. Por isso, o discurso messiânico tende a monossemia: o representante divino e seus seguidores não têm autonomia frente ao discurso. Uma interpretação um pouco mais livre do texto religioso pode levar a uma transgressão ou a uma heresia. Os sentidos do texto não são totalmente livres, estando firmemente atados pelo invólucro da ideologia.

Outro aspecto monossêmico a ser analisado é a enunciação como um ato dialógico entre os participantes e a situação comunicativa. Como o discurso religioso tende a monossemia, basta analisar o locutor, uma vez que não há liberdade interpretativa da palavra de Deus e, como foi dito acima, passar de certos limites interpretativos seria uma heresia. Este caráter “fechado” do discurso religioso relaciona-se com a não autonomia do enunciador – quem

⁶⁴ ALTHUSSER, Louis – **Aparelhos ideológicos de estado**. Rio de Janeiro: Graal Editora, 2001.

⁶⁵ ORLANDI, Eni P. - **A linguagem e seu funcionamento** - As Formas do Discurso. Campinas, SP: Pontes, 1987, p. 250.

fala através dele é a voz de Deus – há sempre o dizer obscuro, sempre o “já dito” que se fala para os homens, e este dizer obscuro é o motivo do sacerdote para que rediga e, às vezes, resignifique a palavra divina.

Além da tendência a monossemia, outra característica do discurso religioso é o desnivelamento fundamental entre o sujeito enunciador e o sujeito comunicante. Enquanto o sujeito enunciador – Deus – está no plano espiritual, o sujeito comunicante – padre, mensageiro ou outro – está no plano temporal, sendo que o primeiro domina o segundo. Quem fala no discurso religioso é Deus, ou seja, o sujeito enunciador é Deus e o sujeito comunicante é o seu representante – padre ou sacerdote, porém a objetividade do discurso é quebrada por interferências do último que interpola, ainda que inconscientemente suas características, entonações e outras marcas discursivas. Tem-se então que quando o sujeito comunicante fala, passa a assumir o discurso sagrado que não lhe pertence, mas a Deus.

A reversibilidade é outra questão teórica muito importante para a delimitação do discurso religioso. Ela é como uma troca de papéis na interação que constitui o discurso e que o discurso constitui. Locutor e ouvinte não são categoricamente fixos, um se define pelo outro e na sua relação definem o espaço da discursividade. A reversibilidade é a condição de todo discurso, porém, nem sempre se dá na harmonia desta condição. No discurso religioso o que há é a ilusão da reversibilidade. A diferença dos planos nunca pode ser relevada. A ilusão da reversibilidade se dá na ultrapassagem: quando Deus partilha com os homens suas propriedades – nos gêneros discursivos (como missas, bênçãos) ou quando o homem se alça até Deus (nas profecias ou visões). Este aspecto foi perfeitamente incorporado pelos primeiros cristãos quando, no século II, discutiu-se se Cristo era escolhido ou adotado por Deus, portanto, um homem que se alça até a divindade, ou se Ele era filho de Deus e, portanto, Deus também: Deus partilhado com os homens⁶⁶.

⁶⁶ ORLANDI, Eni P. - **A linguagem e seu funcionamento** - As Formas do Discurso. Campinas, SP: Pontes, 1987, p. 239.

Na produção do discurso religioso algumas marcas lingüísticas são analisadas: a) O uso de antítese: oposição entre os planos temporal e espiritual (morrer para viver, perder-se para se salvar)⁶⁷; b) A identificação dos sujeitos entre si (sujeitos identificam-se quanto aos objetos e objetivos) e o assujeitamento deles. Para tal utiliza-se da intertextualidade e da interdiscursividade; c) A delimitação da comunidade dos escolhidos: “o reino dos céus é só dos escolhidos”⁶⁸; d) A denegação: “não matarás, não cobiçarás a mulher do próximo”. Note que a negação inclui também uma ordem imperativa; o que é proibido inclui em si a possibilidade da execução do ato proibido; e) O uso do imperativo: “Não levante o Santo Nome de Deus em vão!”; f) O uso do vocativo: “Ó Mãe de Deus! Não ignore nossas súplicas nas tentações”; g) O uso de metáforas depois explicadas por paráfrases; grande parte do ensinamento atribuído a Jesus pela Bíblia dá-se por metáforas como, por exemplo, a do filho pródigo, a do homem rico, e outras; h) O uso de performativos – formas lingüísticas que, para terem validade, têm que ser expressas num contexto rígido, por exemplo o “eu aceito” no casamento ou na comunhão. Fora destas situações tais frases podem ser ditas sem que o sentido seja necessariamente o mesmo; i) O uso de sintagmas cristalizados, como as orações e as bênçãos ou as novenas.

Estas características nos permitirão caracterizar o movimento messiânico da Santa Montanha baseados na análise das prédicas publicadas entre 1999 e 2003, no período em que convivemos na comunidade.

⁶⁷ Esta marca é particularmente visível na Santa Montanha e nos demais movimentos messiânicos, onde espera-se a recompensa pelo sofrimento terreno na recompensa da terra sem males, agora esperada para a vida concreta. Veja o tópico adiante Mensagens Apocalípticas.

⁶⁸ Veja, em nosso caso, por exemplo, as mensagens seguintes: “Eu fico aqui até o Dia do Julgamento, mas se ninguém Me quiser Eu ficarei com Meus pouquinhos – o pouquinho que está comigo - com esse pouquinho Eu vou vencer”.
 “Vocês, meus filhos, rezem, porque os castigos vão sempre continuar. Quem está comigo não precisa temer, porque Eu defendo dos castigos, mas quem não está comigo.... meus filhos, não abusem, porque Eu sou a Virgem do Céu, eu desci do Céu para dar esses avisos.
 Por que Eu estou aqui no mundo? Eu vim ao mundo mandada pelo meu Divino Filho para recolher as almas e leva-las para o Céu”.
 “Meus filhos, não faltem com suas confianças nada vai faltar em suas casas. Quem confia, o pão vem a cada dia (3/10/1999, nº 43)”.

3.1. A ESPECIFICIDADE DO DISCURSO MESSIÂNICO

Situações adversas para uma coletividade podem conduzir a um sentimento de esperança de que as condições simbolicamente pré-existentes de felicidade serão re-estabelecidas, ou, então, que uma nova era de prosperidade será instituída, alcançando-se o chamado “paraíso terrestre”. O grupo social envolvido entrega-se, assim, à espera deste milênio ou idade de ouro.

A crença milenarista, exprimindo um desejo de renovação, consiste em motivação necessária ao surgimento de movimentos sócio-religiosos que busquem a concretização do paraíso terrestre. Contudo, obviamente, o termo movimento não pode ser aplicado a convicções ideais. Para se constituir em um movimento é preciso que as pessoas realmente coloquem-se “em movimento”, constituindo uma atividade concretamente efetiva. Não se trata de uma crença difusa na mente de vários indivíduos cuja ligação efetiva seria tão somente esta ligação tênue, mas uma atividade sensível de indivíduos concretos que interagem conjugadamente, com proximidades, inclusive físicas, segundo determinadas regras propostas conjuntamente e visando determinados objetivos, também colocados coletivamente⁶⁹.

Para Maria Isaura Pereira de Queiroz, desde que uma coletividade seja conduzida por um líder carismático que tenha reivindicado para si a condição de emissário da divindade e tendo sido reconhecido como tal pela coletividade que constituirá o grupo social, está caracterizado o grupo messiânico⁷⁰.

O messianismo pode ser encarado como uma forma especial de milenarismo, uma vez que, se este movimento de busca do paraíso terrestre não tenha sido desencadeado por um personagem específico, mas sim por, como exemplo, um grupo de anciãos ou através de chefes eleitos, ele será apenas milenar e

⁶⁹ CONSORTE, Josildeth Gomes e NEGRÃO, Lísias Nogueira – **O messianismo no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FFLCH-USP/CER, 1984, p. 150.

⁷⁰ PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura - **O messianismo no Brasil e no mundo**. 2a edição, prefácio de Roger Bastide. São Paulo: Alfa-Omega, 1976 (Biblioteca Alfa-Omega de Ciências Sociais - 1a - Sociologia, 6).

não messiânico. Porém, se esta crença é perseguida sob o comando de um líder carismático, então ele será messiânico.

*O líder carismático distingue-se pelo caráter pragmático e dinâmico de suas atividades que se evidenciam pela sua força prática e não como uma crença passiva e inerte de resignação e conformismo*⁷¹. A salvação por ele prometida é sempre voltada a uma coletividade, nunca ao individual, mesmo que englobe toda a humanidade ou apenas àqueles sob sua égide.

A existência do líder carismático rompe com a cadeia das antigas relações sociais e propõe uma nova hierarquia baseada nos critérios religiosos. O líder é, ainda, o elemento capaz de servir de catalisador da insatisfação social vigente e propor soluções viáveis que mobilizem os descontentes. Sua liderança estabelece-se em relações afetivas e irracionais estabelecidas entre ele e seus seguidores. No caso da Santa Montanha, como vimos, este papel cabe a Levina da Silva Ferreira, liderança estabelecida pela ordem divina levantada pela própria Nossa Senhora.

O reino da paz eterna ou o paraíso terreno é futuro, mas sua vinda pode ser apressada pelas atividades dos fiéis regidas pelas regras sugeridas pelo líder. Assim, a realização do paraíso é esperada para este próprio mundo, embora aqui se marque uma contradição: a espera de um paraíso a um só tempo terrestre e celeste, paradisíaco, histórico e extra-histórico. Embora os movimentos messiânicos sejam uma busca do paraíso, são também a própria realização deste.

O líder do movimento messiânico traduz as aspirações dos fiéis em prédicas, nas quais acreditam temporariamente, apesar disso não modificar sua situação de vida. Após as prédicas, aqueles que não são tocados pela mensagem voltam a suas atividades rotineiras, outros, porém reúnem-se em torno do líder que se torna para eles um messias, formando uma comunidade da qual ele é a

⁷¹ PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura - **O messianismo no Brasil e no mundo**. 2a edição, prefácio de Roger Bastide. São Paulo: Alfa-Omega, 1976 (Biblioteca Alfa-Omega de Ciências Sociais - 1a - Sociologia, 6), p. 7.

autoridade suprema, um organizador que se dedica à resolução prática dos problemas de seus seguidores, fundando uma nova hierarquia tanto religiosa quanto secular, na qual exerce comando.

Para analisar qualquer movimento messiânico é preciso não se deixar de lado o extraordinário atrativo que a prédica profética exerce sobre as populações em litígio com o poder vigente, a rapidez com que o indivíduo inspirado se faz seguir dessa multidão passiva em que toda diferenciação de classes é temporariamente abolida, em que os indivíduos não são julgados em seu valor senão pelo grau de santidade que lhes será atribuído ou que adquirirão a serviço do messias. Repare-se que as distinções de classe são apenas momentaneamente abolidas, finda a prédica, cada um volta a sua antiga posição.

Assim, os mensageiros da Santa Montanha, ao se apropriarem do discurso da divindade se apropriam também da possibilidade de mudança e transformação da situação de vida daquela comunidade. A população, via de regra, negligenciada pelos donos do poder e impactada pela penetração capitalista nos limites do local e do regional, sem a devida contrapartida no que se refere a cidadania política e econômica, coloca toda a sua energia e esperança nas soluções transcendentais e religiosas. Nesse sentido, parece que a divindade, por meio da mensageira, realiza através da bênção, da cura milagrosa, um movimento de simbiose entre o profano e o sagrado, unindo classes e grupos sociais que só têm em comum a crença na divindade.

Entender essas prédicas e esse momento de encantamento com o sagrado é fundamental para compreender a idiosincrasia dos movimentos messiânicos. Por isso nos deteremos em algumas delas no próximo capítulo.

IV. CAPÍTULO III - ANÁLISE DAS PRÉDICAS DA SANTA MONTANHA (1999/2003)

A prática discursiva empregada nas prédicas analisadas é cercada de particularidades bastante interessantes: o discurso oficial é muito distante da anunciação ditada pela mensageira. O discurso peculiar de Levina da Silva Ferreira, recheado de maneirismos e peculiaridades típicas de uma pessoa humilde, é transformado em um linguajar culto e anteposto a outros textos religiosos que o confirmam e dão força, numa projeção de heterogeneidade manifesta que auxilia os fiéis a reconhecerem a mensageira como enviada de Nossa Senhora.

O enunciado reflete a intertextualidade com os preceitos bíblicos, mesmo porque o sujeito do enunciado é Deus, o mesmo que ditou a “Bíblia”. A todo momento as palavras da mensageira são confrontadas com textos sacros, o que certamente reforça o papel social de Levina como enviada dos céus para divulgar a palavra santificada. Tudo isso sem contar a prática inicial de todo processo de encontro com a divindade: a cada prédica inicia-se rezando o terço, marca popular de comunhão com Deus.

A estrutura específica sobre a qual se monta um discurso religioso chama-se gênero⁷².

O gênero discursivo é um conjunto relativamente estável de convenções que está associado e desempenha um tipo de atividade ratificado socialmente como uma conversa informal, uma compra em uma loja, uma entrevista de trabalho, um programa de rádio, um texto literário, uma mensagem profética ou um artigo científico⁷³.

Porém, um gênero não implica apenas um tipo de texto em particular, mas também o processo de produção, distribuição e consumo do mesmo. É o sistema de gêneros de uma determinada comunidade em determinada época

⁷² MAGALHÃES, Célia Maria. **Reflexões sobre a análise crítica do discurso**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001.

⁷³ MAGALHÃES, Célia Maria. **Reflexões sobre a análise crítica do discurso**, p. 126.

que determina a classificação e a qualificação desta comunidade em seu papel social. É o gênero de discurso que confere a Santa Montanha sua caracterização enquanto movimento messiânico rural.

O gênero de discurso religioso encontrado na Santa Montanha é composto, por sua vez, de vários outros sub-gêneros, como salmo, testemunho, oração e outros. É a organização destes gêneros que mostra que estamos trabalhando com a estrutura esquemática que uma determinada sociedade reconhece e domina enquanto sujeito interpretante. A comunidade discursiva – os sujeitos envolvidos no processo comunicativo – possui, por sua vez, propostas comuns e mecanismos de intercomunicação. Ela se utiliza destes mecanismos de participação principalmente para prover a informação.

A comunidade da Santa Montanha, assim como qualquer outra envolvida com tais práticas comunicativas, utiliza-se de um léxico específico; ela compartilha de aspectos lingüísticos, contextuais, discursivos, situacional, e ao mesmo tempo em que reconhece a particularidade de um gênero, interage com ele e o constitui. Pode-se afirmar que a constituição de um gênero significa um enquadramento do discurso, uma pré-organização do discurso onde todos os elementos estão sob rígido controle dos emissários.

O discurso da mensageira, ao menos o oficial, que é o que aqui analisamos, possui todas as marcas propostas anteriormente, como o assujeitamento dos indivíduos (refletido na comunhão absoluta de todos os fiéis, nivelados como um único corpo), a assimetria de planos temporal/espiritual (a mensagem de Levina é apenas a mensagem espiritual, a personificação da Santa em momento algum se mistura com a figura concreta da mensageira), o uso de antíteses (como o par castigo X proteção, mensagem sempre presente nas prédicas) ou a não reversibilidade (nas prédicas transcritas estão muito bem delimitadas as falas de Levina e as de Nossa Senhora, embora, no contexto, elas se misturem a todo momento).

Outras marcas previstas no discurso religioso e que o delimitam enquanto tal como as metáforas, uso de performativos ou imperativos também são bastante claros nas prédicas a seguir.

Já as características sociais que designam um movimento social como messiânico, observáveis no discurso, que são as seguintes: a) união em torno de um messias; b) estratificação; c) a crença de que se pode construir um mundo perfeito nesta existência terrena, associada à crença no retorno de uma divindade, de um herói ou de um emissário que fornecerá aos fiéis os meios para a instalação do milênio; d) a pretensão em remediar problemas sócio-políticos de ordem variada e e) o surgimento em momentos de crise de estrutura e organização social⁷⁴.

Também estas características podem todas elas serem imputadas ao movimento ora estudado.

A união em torno de um messias: Levina da Silva Ferreira comanda a Santa Montanha. Embora os fiéis se vejam como servos de Nossa Senhora, esta não fala mais senão pela boca de Levina. Utilizando-nos da teoria da análise do discurso de Michel Pêcheux, diríamos que o sujeito comunicante é Levina enquanto o sujeito enunciador é Nossa Senhora. De qualquer forma, todas as decisões são tomadas por Levina, sempre com a anuência da Santa. O que nos leva à segunda das características acima citada: A estratificação.

A estratificação pode ser muito bem observada quando olhamos mesmo superficialmente a Santa Montanha. Ali todas as decisões são tomadas, em tese, pela Santa Nossa Senhora, sempre vindas pela comunicação de Levina. Após a mensageira temos as Irmãs Carmelitas, determinadas escudeiras da fé, que protegem a profetisa e até dificultam o acesso a ela. Administram sempre com a observância das prédicas de Nossa Senhora e com rigor todos os preceitos que acham bons para a manutenção da Santa Montanha.

⁷⁴ PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura - **O messianismo no Brasil e no mundo**. 2a edição, prefácio de Roger Bastide. São Paulo: Alfa-Omega, 1976 (Biblioteca Alfa-Omega de Ciências Sociais - 1a - Sociologia, 6), p. 7.

Depois das Irmãs Carmelitas temos na estratificação do movimento os fiéis que residem no espaço físico que delimita a Santa Montanha. A eles compete manter acesa a chama que movimenta a fé em Nossa Senhora da Santa Montanha, a eles compete também seguir os rigorosos mandamentos de moral e manutenção dogmática determinados pela mensageira.

Por último, nos estratos sociais da Santa Montanha, temos os fiéis que são visitantes, ainda que eles se dividam em dois subgrupos, aqueles que freqüentam a Santa Montanha em todas as aparições e aqueles que comparecem apenas esporadicamente ou que são apenas curiosos em relação a toda aquela gente reunida num rincão tão ermo.

Há a crença de que se pode construir um mundo perfeito nesta existência terrena, associada à crença no retorno de uma divindade, de um herói ou de um emissário que fornecerá aos fiéis os meios para a instalação do milênio. O retorno da divindade e a constituição de um novo mundo muito melhor do que este presente podem ser muito bem observados em algumas mensagens, como:

Vou julgar os vivos e os mortos. Vocês se preparem muito para a Minha Chegada! A Minha Chegada não vai demorar. Vou andar no meio do povo. Muitos não vão me reconhecer. Eu sou Jesus. Muitos ficarão de joelhos e muitos Me jogarão pedras. Meus filhos, agora é tempo do julgamento⁷⁵.

Ou

Nestes anos, que vos separam ainda do final deste século, eu agirei de todas as maneiras para que o reino de Jesus possa ser instaurado entre vós e o Senhor Jesus possa ser por todos amado e glorificado⁷⁶

Algumas das mensagens serão separadas por temas relevantes abaixo. As frases enunciadas por Nossa Senhora falam por si só.

A pretensão em remediar problemas sócio-políticos de ordem variada talvez seja a característica mais patente ao movimento messiânico da Santa

⁷⁵ BOLETIM SANTA MONTANHA – número 39 (04/06/1999).

⁷⁶ BOLETIM SANTA MONTANHA – número 41 (06/08/1999).

Montanha. A maior parte dos que vai a Montanha da Santa Maria estão com algum problema que, de uma forma ou de outra, não pôde ser solucionado pelas autoridades legalmente instituídas. Obviamente, muitos acabam indo até lá por causa da natural curiosidade que um evento deste porte suscita, ou mesmo pela tremenda aglomeração, que já é um imenso chamariz numa zona tão empobrecida. Mas a maioria busca mesmo é uma cura milagrosa para si ou para os seus, um conselho a respeito do comportamento de seus familiares aflitos, uma dica do que plantar e em qual época, ou qualquer outro pequeno milagre que lhes renove a fé tão abalada pelas agruras da vida.

Finalmente, o surgimento em momentos de crise de estrutura e organização social talvez seja o mais complicado em se provar com os elementos colhidos até então. Obviamente poderíamos associar o surgimento ou as primeiras aparições da Santa para a família de Levina da Silva Ferreira, em 1966, aos eventos políticos da história brasileira, período de tremenda repressão e abuso social. Porém, ainda que pudesse ser sentido no rincão da Serra da Mutuca, deixar que somente este processo levasse à anomia que transpareceria como uma saída mítica, representada pelos primeiros milagres da Santa, seria, talvez, uma incorreção. Ao deixá-lo totalmente de lado também cometeríamos o mesmo erro. Lembremos do episódio em que o DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) foi chamado à averiguação do movimento “subversivo” que acontecia na Santa Montanha, denunciados que foram pelo Pároco do município de Guiricema, inimigo ferrenho das primeiras manifestações da Santa. Neste ocorrido uma fiel, mais a mensageira foram enclausuradas num camburão durante todo o dia até tudo esclarecido e o Pároco ser chamado e desautorizado pelo oficial responsável pela diligência. Também foi uma ocasião a mais para um milagre da Santa, que teria aparecido às duas prisioneiras e alentado-as com suave brisa e sensação de saciedade ⁷⁷.

Apesar desse episódio ser bastante emblemático da questão do conflito ou do momento de conflito pelo qual passava toda a sociedade brasileira, ele não nos

⁷⁷ PICOLLI, Cristiano - **Os Direitos da Rainha do Céu e da Terra** - mensagens e milagres na Santa Montanha. Guiricema, MG -1988, p. 35.

parece o único que pode ser observado neste tópico. Vivíamos num momento também de grande re-estruturação do processo produtivo de toda a região. A economia começava a dar – parcos – resultados do investimento do PRODEMATA, levando pequenas propriedades a serem devoradas pela sanha capitalista de uns poucos sortudos beneficiados pela dinheirama espalhada a título de cala-boca aos “fazendeiros” da região.

A Universidade Federal de Viçosa tentava tecnificar a produção e surgiam os primeiros resultados da inserção de novas variedades de cultura, como a plantação consorciada de café ou o incentivo à produção leiteira. Tudo isso se refletiu na vida do camponês mais pobre, levando-o a se tornar empregado pobre a valer, sem, sequer sua pobre rocinha que antes lhe garantia o sustento próprio e dos seus.

Toda esta re-inserção, se podemos chamar assim, no processo produtivo pode ter levado, muito mais do que um posicionamento político contundente, a um processo de alienação e de distanciamento das autoridades constituídas. Sem ter a quem recorrer, os camponeses viam emergir da secura de uma pedra um Santo óleo, capaz de curar, aliado a uma simples novena e a uma vida mais tradicional, todos os males variados que lhes afligiam. Aqueles que não foram seduzidos imediatamente por este apelo, apesar das admoestações do Pároco, foram ao menos abalados em sua simplicidade religiosa, muito próxima ao catolicismo mágico das zonas rurais. Talvez esta seja a grande re-estruturação social que levou à formação do movimento messiânico da Santa Montanha.

4.1. MENSAGENS DE NOSSA SENHORA DA SANTA MONTANHA

Vejamos agora como algumas das mensagens recebidas por Levina podem ser interpretadas neste sentido, messiânico, lembrando que todas as mensagens abaixo transcritas foram retiradas das fontes primárias citadas na bibliografia:

4.1.1. Mensagens apocalípticas

As mensagens apocalípticas refletem a simbologia típica dos movimentos messiânicos. São elas que fazem a qualificação dos movimentos sócio-religiosos em messiânicos. Todas elas refletem, de uma maneira ou de outra, a visão cristã de João e o livro do Apocalipse. Alguns exemplos estão relacionados abaixo e comentados em seguida.

“Olha meus filhos, Eu descí do Céu para dar esses avisos para todos. Hoje é 4 de julho, peço atenção de todos os meus filhos, porque os castigos vão continuar. Aqueles que estiverem comigo não precisam temer, porque aqueles que rezam, Deus está sempre do seu lado – (socorrendo) em tudo o que vocês precisam”⁷⁸.

“Eu vim dos Céu...meus filhos, o que vocês esperam mais de Mim? Vocês devem pensar em rezar. Os castigos vão continuar em todos os lugares, mas onde tiver orações, vocês terão a Graça”

Eu quero salvar a todos! Quero salvar todas as minhas famílias. Eu vou ficar até o dia do julgamento”.

“A Santa Igreja nunca vai acabar, ela ficará até o dia do julgamento”⁷⁹.

Estas primeiras mensagens refletem o autoritarismo do Deus da Santa Montanha. É um Deus punitivo o que aquelas pessoas aguardam. E a salvação só nas supostas reflexões da Santa Maria da Santa Montanha.

“Rezem pelas suas famílias, não se esqueçam: Quem reza se salva e quem não reza se condena. (...) Em cada dia, em cada minuto estou presente, pedindo aos meus filhos que não se esqueçam da oração, porque chegou o tempo, o tempo de todos”⁸⁰.

⁷⁸ BOLETIM DA SANTA MONTANHA – número 40 (04/07/1999).

⁷⁹ BOLETIM DA SANTA MONTANHA – número 39 (06/06/1999).

⁸⁰ BOLETIM DA SANTA MONTANHA – número 41 (01/08/1999).

A oração é um performativo típico que qualifica e determina os limites de um grupo religioso, na Santa Montanha, como se verá adiante, o texto cumpre esse papel.

“Vocês devem sempre se preparar para Minha chegada, para que Eu possa dar uma grande Bênção no coração de cada um”.

“Eu quero salvar a todos, estou atrás das almas para que todos se salvem. Eu sou a Mãe do mundo inteiro, quero salvar todos os meus filhos.”

“Eu fico aqui até o Dia do Julgamento, mas, se ninguém Me quiser, Eu ficarei com Meus pouquinhos – o pouquinho que está comigo - com esse pouquinho Eu vou vencer”.

“Vocês, meus filhos, rezem, porque os castigos vão sempre continuar. Quem está comigo não precisa temer, porque Eu defendo dos castigos, mas quem não está comigo...meus filhos, não abusem, porque Eu sou a Virgem do Céu, eu desci do Céu para dar esses avisos.

“Por que Eu estou aqui no mundo? Eu vim ao mundo mandada pelo meu Divino Filho para recolher as almas e leva-las para o Céu”.

“Meus filhos, não faltem com suas confianças, nada vai faltar em suas casas. Quem confia, o pão vem a cada dia⁸¹”.

Novamente aqui o Deus punitivo característico da visão apocalíptica do mundo faz sua presença ser temida. A salvação é novamente prometida para aqueles que acompanhem a Santa Montanha.

“Chegou o tempo de combatermos o mal, combatermos o inimigo, que vem trair os cristãos. Filhos, vocês não precisam ter medo, porque Eu sou a sua grande proteção, Estou aqui presente e digo: vocês devem se prevenir com a oração do Santo Terço”.

“Os castigos vão continuar. Aqueles que estão comigo, estou cobrindo com Meu Manto, estou protegendo. Eu acompanharei a viagem de cada um⁸²”.

⁸¹ BOLETIM DA SANTA MONTANHA – número 43 (03/10/1999).

⁸² BOLETIM DA SANTA MONTANHA – número 44 (07/11/1999).

“Meus filhos, não se esqueçam de rezar! É a oração que pode defendê-los dos castigos. Vocês, meus filhos, vocês não viram nada! Os castigos vão continuar cada vez pior, vocês devem bater seus joelhos em terra e Me pedir e pedir a Deus para terem a Graça. Tudo agora é tempo! ... Aqueles que estão em oração não precisam ter medo, porque os que estiverem em oração estarão protegidos dos castigos. Eu estou aqui na Santa Montanha, e digo: Filhos, Eu vou ficar aqui até o Dia do Julgamento. Eu sou a Virgem do Céu. Eu estou aqui para consolar aqueles filhos, que estão Me pedindo”.

“Vocês têm fé ou não? A fé está dentro do coração. Este ano vocês rezem muito mesmo, porque é a oração que vai defendê-los⁸³”.

Mais mensagens de conteúdo ameaçador, a oração como único sentido da salvação possível.

“Mas é também a vossa festa, filhos prediletos, pois que os anjos do Senhor têm uma importante função a desempenhar no meu desígnio vitorioso”.

“Meu exército vitorioso, torna-se alvo visado com raiva e ferocidade especial por parte do meu e do vosso adversário. Satanás vos convoca no campo espiritual com toda sorte de tentações e sugestões para levar-vos ao mal, à desorientação, à dúvida e à desconfiança⁸⁴”.

A nomeação do Satanás em pessoa pode ser ainda mais aterrorizante para aquelas pessoas menos favorecidas que presenciam a suposta aparição da Santa. Em verdade este trecho de pré-dica mostra intertextualidade com os textos do Padre Stefano Gobbi, mais abaixo citado em maiores detalhes.

“Vocês, meus filhos, acham difícil rezar o terço! Eu estou espalhando os Terços pelo mundo para que todos rezem. Os castigos vão continuar. (...) O tempo do Santo Padre já está vencendo! Meus filhos, o que vocês vão esperar da Santa Igreja? A Santa Igreja vai passar por muito sofrimento! Os cristãos vão sofrer muito! Os que rezarem, terão a Graça de Deus. E os que não rezarem? São

⁸³ BOLETIM DA SANTA MONTANHA – número 46 (02/01/2000).

⁸⁴ Aos sacerdotes, filhos diletos de Nossa Senhora, p. 366 – Padre Stefano Gobbi, citado em BOLETIM DA SANTA MONTANHA – número 47 (06/02/2000).

muitos os que cruzam os braços e esquecem de rezar, esquecem de pedir a Deus”.

“(DIZ JESUS – na única aparição copiada do Santo Filho dos folhetos que servem de fonte primária) O que Eu estou dizendo aqui, Meus filhos, vocês esperem! Os que estiverem comigo não precisam ter medo, porque Eu protejo todas as famílias que estão Comigo”.

“Vou julgar os vivos e os mortos. Vocês se preparem muito para a Minha Chegada! A Minha Chegada não vai demorar. Vou andar no meio do povo. Muitos não vão me reconhecer. Eu sou Jesus. Muitos ficarão de joelhos e muitos Me jogarão pedras. Meus filhos, agora é tempo do julgamento”.

Na hora que vocês pensarem que têm preguiça de se levantar para ir a Santa Missa, também não tema minha graça! Meus filhos sacudam a poeira! É tempo de todos acordarem! Não durmam! Levantem filhos, porque agora é tempo! Aquele que ficar dormindo ficará adormecido!”

“Procurem-me enquanto é cedo, Não deixe para Me procurar tarde, porque um dia vocês irão morrer!⁸⁵”.

“Os que estão aqui Comigo não precisam temer, porque Eu sou a Virgem Maria Santíssima. Vim do Céu, mandada por Meu Divino filho, para lhes dar mais este aviso: Meus filhos, os castigos vão continuar, cada dia pior, por isso rezem, rezem, rezem, meus filhos! Muitos vão desaparecer do mundo! Muitos não terão Paz! Muitos sofrerão! Se, não têm Paz, é porque falta a oração, falta a Fé. O que Eu quero de vocês? Quero que rezem com Fé... (parágrafo) Eu nunca vou abandonar os meus filhos, porque Eu sou a Mãe de todos! Eu digo: peçam a Graça, que Eu lhes dou!⁸⁶”.

“Onde estiver a Oração estarei junto aos meus filhos. Haverá muitos castigos, muita fome e muitos vão desaparecer do mundo. Aqueles que estiverem comigo, rezando, confiando nas Minhas Palavras Eu estarei sempre com eles”.

“Tudo que tenho pedido a vocês, (façam), procurem ser mais chegados a Mim, chegados a Jesus, porque este tempo está vencendo. Está tudo na hora!”

⁸⁵ BOLETIM DA SANTA MONTANHA – número 48 (05/03/2000).

⁸⁶ BOLETIM DA SANTA MONTANHA – número 49 (02/04/2000).

Aqui neste trecho das prédicas uma interessante aparição supostamente enviando mensagens para Levina: a de Jesus Cristo. Em todo o tempo que acompanhamos as reuniões em torno da mensageira, esta foi a única vez em que supostamente estaríamos frente a uma mensagem do próprio filho de Deus. Aqui a mediação simbólica entre Deus ou seu Filho e os homens, que caracteriza a relação dos fiéis com Maria, desaparece, a mediação passa a ser direta da mensageira Levina com Deus, proporcionando ainda mais legitimidade ao seu discurso.

“Vocês acham que vim do Céu para condenar o povo? Não. Vim do Céu e quero salvar a todos. Salvar os meus filhos! Quero levar todos para o Céu! Não quero que ninguém se perca. Estou na porta do Céu para entrar com meus amores, entrar na Minha felicidade, com minha Graça! Vou sempre abençoá-los⁸⁷”

A bondade e o maternalismo de Maria estão nessas mensagens supostamente recebidas pela mensageira. Estas são mais duas das características típicas relatadas pelos fiéis em sua descrição de sua visão da divindade.

“Filhos, eu estou espalhando a oração do Santo Terço pelo mundo, para que todos procurem rezar mais porque os castigos vão continuar. Eu descí do Céu para dar este grande aviso: todos vocês devem se preparar com as suas orações. Onde houver orações, Deus aí está, e onde não houver oração Deus não está”.

“Muitos de vocês pedem a cura, mas a Minha cura vem pouco a pouco. Mas, muitos precisam sofrer para terem a Graça e chegar sempre junto a Mim”.

“No início deste novo ano, que será assinalado pela sucessão de acontecimentos graves e significativos, vós olhais de modo particular para Mim como a Mãe da esperança e Rainha da paz”.

“No tempo em que estais vivendo, da grande tribulação, minha presença materna tornar-se-á cada vez mais forte e extraordinária”.

⁸⁷ BOLETIM DA SANTA MONTANHA – número 50 (07/05/2000).

“Quanto maior e universal for o domínio do meu adversário, o dragão vermelho, tanto maior e universal será também a presença vitoriosa da Mulher vestida de sol”.

“Por isto entrastes já num período de tempo marcado por uma forte presença minha entre vós que se tornará para todos manifesta por meio de extraordinários acontecimentos”.

(...)

“Nestes anos, que vos separam ainda do final deste século, eu agirei de todas as maneiras para que o reino de Jesus possa ser instaurado entre vós e o Senhor Jesus possa ser por todos amado e glorificado”.

São estes os meus Sacerdotes – *“Chegastes ao fim destes dias de oração e união comigo. Derramei sobre ti abundantes graças, fazendo-te penetrar na intimidade de meu Imaculado Coração, onde saboreastes suavidades maternais. Mas tal privilégio não é só para ti. Está também reservado para os teus irmãos do Movimento que amanhã irão comparecer para a primeira reunião. Falar-lhe-ei através da tua palavra e dir-lhes-ei quanto os amo”.*

“A consagração a mim é o meio que os fará penetrar, cada vez mais, na intimidade de meu Imaculado Coração. Far-lhes-ei sentir a doçura que só a mãe pode fazer experimentar aos próprios filhos”.

“Os que hão de vir, há sempre que foram chamados, escolhidos e preparados por Mim. Sentir-se-ão por isso como em casa própria e parecer-lhes-á que já erma, entre si, conhecidos e amigos”.

“Começa já a manifestar-se claramente o plano que Eu, em segredo, ia ideando, a fim de concretizar os meus desígnios sobre o Movimento Sacerdotal, destinado por Mim, como exército de ordem de batalha para alcançar a vitória decisiva (cf Cânt. 6,3.9)”.

“E qual a tarefa destes meus filhos que agora se encontram unidos, pela primeira vez”?

Agora devem preparar-se, devem estar prontos:

“Às minhas ordens, porque em breve chamá-los-ei e deverão todos responder-Me, prontos para serem empregados por Mim na defesa de Meu Filho, de Mim, do Evangelho e da Igreja”⁸⁸.

Este longo trecho é mais outro tomado de empréstimo ao Padre Stefano Gobbi. Durante nossa pesquisa de campo pudemos confirmar muitas vezes como a intertextualidade com o padre milanês marca o discurso da mensageira da Santa Montanha.

“Ofertei orações e sacrifícios para a salvação das almas, porque ainda hoje vos repito que muitas vão para o inferno porque não existe quem reze e se sacrifique por elas”⁸⁹.

“Da vossa resposta depende se Eu posso contar convosco para a grande batalha já iniciada contra satanás e seu poderoso exército”⁹⁰.

“Meus filhos, o que vocês vão esperar”.

- Peço orações e sacrifícios por todos os padres que estão com a cabeça avariada, que não sabem onde podem seguir as coisas certas. Poucos padres estão seguindo a Deus. Muitos padres não sabem que estão sem rumo!

Nossa Senhora continua dizendo:

- Chegou o tempo! O mundo vai ser apurado como um grão de areia! Tudo será curado. Tudo será limpo! Poucos são os padres que amam a Deus e a Nossa Senhora.(...)

- Vai chegar o tempo em que não vai haver nem padres nem Papa Tudo vai ser derrotado. É por causa de não haver amor a Deus.

Esta geração vai acabar com todas as suas famílias (nações). Será formada outra família. Esta família (geração presente) já não conhece a Deus.

Deus vai renovar o mundo para todos os que amam Nossa Senhora e Jesus, seu Filho.

⁸⁸ Aos sacerdotes, filhos prediletos de Nossa Senhora –p. 14/15, Padre Stefano Gobbi, citado em BOLETIM DA SANTA MONTANHA – número 47 (06/02/2000).

⁸⁹ BOLETIM DA SANTA MONTANHA – número 51 (04/06/2000).

⁹⁰ BOLETIM DA SANTA MONTANHA – número 53 (06/08/2000).

Quando eu vim neste cantinho, pedindo mais penitência e oração é porque com estas penitências e orações do terço às vezes podem salvar muitos lugares. A terra de Nossa Senhora é Terra Sagrada! Nossa Senhora anda pisando nesta terra! Se soubéssemos, amaríamos mais a Nossa Senhora...

Nossa Senhora diz:

- Quando chegar esse tempo, depois de termos obedecido, nós teremos a nossa glória aqui na terra e no céu. (...)

- Cuidado com essa palavra! Às vezes serão condenados no inferno!"⁹¹.

Este longo trecho reflete a guerra de fé que deveria ser esperada pelos moradores da Santa Montanha. Reparem como é a uma luta que a mensageira conclama, a uma luta contra satanás, representado pelos padres, pelo Bispo, e é ao inferno que serão condenados aqueles que não seguirem com Nossa Senhora da Santa Montanha.

"Eu sou a Virgem do Céu e estou aqui em carne e osso! Se todos obedecerem às minhas palavras, não haveria mais sofrimento no mundo!"⁹².

"- O mundo vai acabar para esses que não sabem amar a Palavra de Deus"⁹³.

As duas últimas mensagens selecionadas neste tópico falam de um par antitético onde uma aponta para a felicidade ("Não haveria mais sofrimento") a outra para o fim dos tempos (O mundo vai acabar....). Como vimos o uso de pares antitéticos é uma das marcas do discurso religioso.

Nestas mensagens apocalípticas, Nossa Senhora da Santa Montanha, sempre através de D. Levina, prega o iminente final dos tempos e o quanto se salvarão apenas aqueles que a acompanharem ou por ela forem eleitos. Para isso vale-se sempre do uso de antíteses, performativos ou imperativos. O par antitético castigo X salvação é uma constante. O tom profético e desesperador parece egresso do Apocalipse de João, onde os imperativos e os sintagmas

⁹¹ PICOLLI, Cristiano - **Os Direitos da Rainha do Céu e da Terra** - mensagens e milagres na Santa Montanha. Guiricema, MG -1988, p. 66/67.

⁹² PICOLLI, Cristiano - **Os Direitos da Rainha do Céu e da Terra**, p. 69.

⁹³ Mensagem geral datada de 07/03/1982.

cristalizados⁹⁴ podem ser notados a todo momento. Mesmo algumas das frases são quase citações de textos proféticos, antigos ou contemporâneos, como as referências ao Padre Stefano Gobbi, padre milanês que, a partir de julho de 1973 passa a transmitir mensagens de Nossa Senhora de Fátima, criando, assim, o Movimento Sacerdotal Mariano. A última mensagem recebida pelo Padre Gobbi foi em 31/12/1997, registradas pelo próprio Padre e difundidas pelo chamado Movimento Sacerdotal Mariano⁹⁵.

Grande parte das mensagens de Nossa Senhora da Santa Montanha é voltada para a prática religiosa, como a importância do Terço para a salvação ou dos hábitos pudicos. Porém, neste tópico, as mensagens são voltadas muito mais para as previsões apocalípticas (“Os castigos vão continuar em todos os lugares”⁹⁶; ou “[...] os castigos vão sempre continuar”,⁹⁷). Também são previstos os meios para a salvação (“Quem está Comigo não precisa temer, porque Eu defendo dos castigos”, “Eu vim ao mundo mandada pelo meu Divino Filho para recolher as almas e levá-las para o Céu”⁹⁸; “Chegou o tempo de combatermos o mal, combatemos o inimigo que vem trair os cristãos”⁹⁹, ou ainda “este ano vocês rezem muito mesmo, porque é a oração que vai defendê-los”, também “Aqueles que estão em oração não precisam ter medo, porque os que estiverem em oração estão protegidos dos castigos”¹⁰⁰).

Em verdade, todas as mensagens são muito semelhantes em seus conteúdos, e nem poderia ser diferente: a re-interpretação do discurso religioso não permite muitas liberdades, pois qualquer desvio de interpretação ou de produção do discurso religioso marca uma heresia e não podemos dizer que os fiéis da Santa Montanha queiram mudar a ordem religiosa estabelecida, no máximo podemos caracterizá-los como cismáticos.

⁹⁴ Sintagmas cristalizados são estereótipos lingüísticos marcados pelo regionalismo ou por marcas ideológicas peculiares, por exemplo, “Deus lhe pague” ou os ditados populares. No discurso religioso, as próprias orações e demais performativos lingüísticos podem funcionar como sintagmas cristalizados.

⁹⁵ Na página <http://groups.msn.com/ImaculadoCoracaodeMaria/movimentosacerdotalmariano.mswn> da rede mundial de computadores está acessível a versão *on-line* do livro “Tudo vos foi revelado”, com todas as mensagens supostamente enviadas por Nossa Senhora ao Padre Stefano Gobbi.

⁹⁶ BOLETIM DA SANTA MONTANHA – número 39 (06/06/1999).

⁹⁷ BOLETIM DA SANTA MONTANHA – número 41 (08/08/1999).

⁹⁸ BOLETIM DA SANTA MONTANHA – número 43 (03/10/1999).

⁹⁹ BOLETIM DA SANTA MONTANHA – número 44 (07/11/1999).

¹⁰⁰ BOLETIM DA SANTA MONTANHA – número 46 (02/01/2000).

Assim, os temas se repetem e os avisos sobre os chamados “castigos”, prováveis catástrofes ou desgraças que anunciam o final dos tempos ou o tempo do Julgamento, vindouros e recomendações acerca da fidelidade cristã que trará aos eleitos a Paz final são ditos à exaustão no discurso da Vidente D. Levina. Abaixo as mensagens apocalípticas, ao final incluímos alguns trechos do livro do Padre Picolli, um religioso que habitou algum tempo entre os fiéis da Santa Montanha e sobre ela escreveu um livro chamado “Os direitos da Rainha do céu e da terra”¹⁰¹.

4.1.2. Mensagens de divindade

Neste tópico as mensagens de Nossa Senhora da Santa Montanha tratam da cura de doenças. Conforme citado anteriormente, uma das maiores dificuldades da população do bairro rural da Santa Montanha é a negligência no trato das questões sociais que as autoridades locais mantêm, fruto da reestruturação social acontecida após o PRODEMATA, que inchou as pequenas localidades no entorno, tornando a estrutura física destes locais pequena para a demanda.

“Estou aqui presente, estou aqui parar curar todas as suas feridas, curar as suas lepras, estou aqui presente”¹⁰²

Estou abençoando aqueles que estão Me pedindo a cura do câncer. Eu vou curar aqueles que estão Me pedindo a cura de todos os sofrimentos da alma”

¹⁰³.

¹⁰¹ PICOLLI, Cristiano - **Os Direitos da Rainha do Céu e da Terra** - mensagens e milagres na Santa Montanha. Guiricema, MG -1988.

¹⁰² BOLETIM DA SANTA MONTANHA – número 39 (06/06/1999).

¹⁰³ BOLETIM DA SANTA MONTANHA – número 43 (03/10/1999).

“Muitos reclamam de seus sofrimentos, mas Eu lhes digo: aqueles que sofrem, sofrem para ajudar a Jesus na Cruz. Quem sofrer para ajudar a Jesus na Cruz, terá a sua glória no Céu”

“Vou aparecer em todos os lugares, mas vocês não tenham medo, porque Eu sou a Virgem Maria Santíssima, Eu vou levar a paz. Vou levar a Paz em todos os lugares. Estou curando todas as doenças, daqueles que estão comigo”¹⁰⁴.

“Meus filhos, um dia vocês terão que morrer. Vocês vão morrer. Vocês têm de dar contas a Deus”.

“Vocês têm de ser apegados em Deus. Apeguem-se firmes em Deus, porque nada faltará. Deus e Nossa Senhora são a Misericórdia de todos”.

“Hoje você não tem, mas amanhã você terá. Mas por quê? Você me pediu com Fé”¹⁰⁵.

A maior parte dos milagres relatados na localidade se referem a problemas de saúde ou doenças que de forma inexplicável são supostamente sanadas pela intervenção da Santa Mãe. É exatamente aqui que vemos o maior poderio da providência frente à ciência: quando desenganados pela medicina tradicional é o simbólico que leva a possível cura, é a providência que faz o acúmulo dos ex-votos na salinha da capela do Menino Jesus. Neste tópico também se vê bem a questão de uma das maiores prerrogativas de Maria: a auxiliadora e a intercessora dos fiéis junto a Seu Filho ou junto ao próprio Deus.

4.1.3. Pedidos de Jesus e Nossa Senhora

Neste tópico, aqueles atos necessários para se fazer um bom fiel da Santa Montanha, uma verdadeira “receita” do que fazer para ser elevado às graças de Nossa Senhora da Santa Montanha.

“Jesus e Nossa Senhora vêm pedindo em suas aparições:

¹⁰⁴ BOLETIM DA SANTA MONTANHA – número 44 (07/11/1999).

¹⁰⁵ BOLETIM DA SANTA MONTANHA – número 49 (02/04/2000).

Conversão, Penitência e Oração.

Com insistência pedem:

- *Reza do Santo Terço*
- *Respeito nas Igrejas*
- *Reverência à Santíssima Eucaristia*
- *Modéstia no vestir*
- *Retorno aos ideais da vida cristã*
- *Vida cristã autêntica”¹⁰⁶.*

Apesar de simples e curto, este tópico diz muito do quadro social que a mensageira quer fazer: fiéis a moda antiga, que são rigorosos em seus atos de fé e que mantêm ou buscam retornar a um tempo de ouro perdido na evolução da cristandade: serão cristãos autênticos, modestos e respeitosos, capazes de se penitenciarem por amor à Virgem e que lhe rendem piedosas orações. O princípio desta “bula” de bom fiel começa com legitimação da mensagem: São pedidos de Jesus e de Nossa Senhora diretos aos fiéis, não é nem a mensageira nem as Irmãs Carmelitas que pedem, é a própria divindade.

4.1.4. O santo rosário

O santo rosário é a identidade simbólica que une os fiéis da Santa Montanha. Rezar o terço várias vezes por dia é sua maior obrigação com Nossa Senhora. Todos os outros hábitos são relevados ou sutilmente esquecidos, desde que a pessoa se comprometa a rezar o terço uma infinidade de vezes.

“Nossa Senhora pede que o Terço seja rezado diariamente, com muita atenção, silêncio e respeito, principalmente em família. O Santo Terço é que

¹⁰⁶ PICOLLI, Cristiano - **Os Direitos da Rainha do Céu e da Terra** - mensagens e milagres na Santa Montanha. Guiricema, MG -1988, p. 94.

vai salvar o mundo, disse Nossa Senhora. O terço deve ser oferecido pela Paz do mundo, pela conversão dos pecadores e salvação das almas, (outras intenções: pelo Santo Padre, Cardeais, Bispos, Padres, almas do Purgatório, doentes e desesperados, pelos governantes, pelo Brasil, pelas famílias, jovens, pelas crianças, etc...) Nossa Senhora disse, também, que devemos rezar o Ato de Contrição, o Eu, pecador e o Credo antes do Terço, e para afastar as tentações.”

“Nossa Senhora pede aos pais que ensinem a rezar o Terço”¹⁰⁷.

Com efeito, rezar o terço é uma das recomendações mais freqüentes de Nossa Senhora da Santa Montanha. Em nossas visitas à localidade, percebemos como tal recomendação é seguida à risca: todos os habitantes andam com um terço amarrado à cintura; aos visitantes, na primeira visita, lhes é dado um terço simples, de plástico, que é imediatamente bendito pela vidente e santificado em nome de Maria, tornando-se, então, muito mais valioso do que o material de que é feito.

A partir daquele momento o visitante pode sentir-se em casa na Santa Montanha: suas preces o tornam parte da família cristã e Nossa Senhora passa a olhar por ele e pelos seus. Alguns dos mais proeminentes habitantes ou religiosos do local podem ser distinguidos por seus terços mais elaborados (que sempre trazem à mão, numa ladainha infinita definida pelo balé da contagem das marcas do terço), alguns de madeira trabalhada, outros de material mais nobre, como prata ou mesmo banhados a ouro. Como quase toda mensagem da Santa Montanha começa com a legitimação de sua origem: É Nossa Senhora quem diz ou pede. O par pecador X salvação também nos assegura tratar-se de um discurso religioso messiânico.

¹⁰⁷ PICOLLI, Cristiano - **Os Direitos da Rainha do Céu e da Terra** - mensagens e milagres na Santa Montanha. Guiricema, MG -1988, p. 92.

4.1.5. Respeito na igreja

O retorno a um modo de vida pregresso, como um desejo de recuperação de uma idade de ouro perdida, é um dos princípios do milenarismo. Na Santa Montanha este desejo pode ser notado, entre outros hábitos, pela forma de freqüentar a Igreja e as capelas anexas.

“A Igreja é a Casa de Deus – lugar de oração, de respeito e muito silêncio. Os fiéis não devem entrar na Igreja mal vestidos. Nossa Senhora pede que os Padres corrijam as coisas erradas na Igreja; que não deixem entrar na Igreja essas modas escandalosas.”

“Entrem na Igreja rezando o Terço. Beijem o chão e consagrem-se ao Sagrado Coração de Jesus e ao Doloroso e Imaculado Coração de Maria, disse Nossa Senhora”¹⁰⁸.

Nesse aspecto, também parece importante lembrar que os hábitos de vestimenta para simplesmente entrar na Santa Montanha, são bastante rígidos, não sendo permitido aos homens senão o uso de calças compridas e camisas de mangas; para as mulheres, saias longas e véu na cabeça. Também estes aspectos podem ser interpretados como uma nostalgia de um tempo jamais vivido, um tempo em que os homens e mulheres se respeitavam em seus caracteres sexuais. Repare como o uso de imperativo nas frases aumenta o poder persuasivo da mensagem. Este é um recurso comum ao discurso religioso.

4.1.6. Reverência à santa eucaristia

Os hábitos religiosos da Santa Montanha refletem o desejo da vidente, ou da Santa Maria, através da vidente, em retornar aos rigorosos hábitos de um passado idealizado pelos habitantes. Como já foi dito anteriormente, as freiras

¹⁰⁸ BOLETIM DA SANTA MONTANHA – número 49 (02/04/2000).

e os padres que ali freqüentam e cumprem seus votos religiosos, são obrigados a utilizar as pesadas vestimentas antigas: para as irmãs Carmelitas, hábito marrom de brim cru, para os padres, batinas negras também do mesmo material.

Também a forma como é rezada a Santa Missa é bastante peculiar: a missa tradicional da Santa Montanha é a Tridentina, também chamada de missa de São Pio V, uma forma litúrgica celebrada em latim, de acordo com o Missal Romano, promulgado no Concílio de Trento (daí Tridentina), estilo que deixou de ser adotado pela tradicional Igreja Católica no Concílio do Vaticano II, em 1962. As diferenças mais notáveis da celebração atual é, além do uso do latim, a posição do sacerdote, aparentemente de costas para os fiéis (na verdade ele se posiciona com a face voltada para a Terra Santa).

“Ensina-nos a fé que Jesus Cristo está, realmente, na Hóstia Consagrada. Ele reside sobre nossos altares como num trono de amor e misericórdia para dispensar suas graças e demonstrar o amor que nos tem”.

“A Eucaristia não é somente um sacramento. É também um sacrifício permanente da Nova Lei que Jesus Cristo deixou à Igreja, para ser oferecido a Deus pelas mãos dos Sacerdotes”

“O sacrifício da Nova Lei chama-se Santa Missa”.

“Na Santa Montanha, Nossa Senhora pediu que fossem celebradas as missa Tridentinas em Latim. Pediu que os Padres conservassem o uso da batina”.

“É incontestável que, entre todas as devoções, a devoção a Jesus no Santíssimo Sacramento é a primeira e a mais agradável a Deus e a mais proveitosa para nós. Experimentem e vocês verão o proveito que resultará para vocês dessa santa devoção.”

“Grande é a tristeza e dor dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria com o desrespeito, ultrajes, falta de amor e falta de reparação ao Santíssimo Sacramento, por isso é que a ira de Deus está prestes a se abater sobre a terra”.

“Na Santa Montanha, Nossa Senhora pede que tenhamos grande respeito, reverência e amor ao Santíssimo Sacramento, que façamos reparação ao

Santíssimo, pede, também, a Comunhão Reparadora nas primeiras sextas-feiras e primeiros sábados e primeiros domingos de cada mês”.

“Ao passarmos diante do Santíssimo Sacramento devemos fazer genuflexão, tocando o joelho no chão e saudando a Jesus Sacramentado”.

“Não se deve conversar diante do Sacrário, nem em frente à Capela das Aparições, nem em frente da Capela do Menino Jesus durante a Sua presença, aos domingos. Nossa Senhora não quer namoros escandalosos, porque a Santa Montanha é Terra Sagrada. É vontade de Nossa Senhora Mãe que não se fume perto dos lugares sagrados. Nossa Senhora pede aos seus apóstolos que vigiem para que não aconteçam coisas erradas na Santa Montanha”.

“Nos primeiros domingos de cada mês, Jesus quer silêncio e respeito durante as aparições”¹⁰⁹.

Esta longa citação apenas nos mostra, mais uma vez, a postura do fiel nos rituais de celebração ou frente a qualquer assunto religioso é cuidadosamente vigiado pelas irmãs carmelitas, que logo avisam se alguma coisa não está como estabelecido pela Santa Maria da Santa Montanha. Porém, quando vistos de perto, os rituais são um tanto mais maleáveis do que aparentam nas normas: durante os cultos é comum observar bebês chorando, padres rezando em línguas em nada assemelhadas a qualquer outra coisa, tanto menos ao latim (glossolalia), olhares ternos entre fiéis de sexos opostos (paquera) ou mesmo fiéis fumando seu doce cigarrinho de palha. Apesar da aparência rígida, também na Santa Montanha se vive bem para os padrões caboclos. A inversão frasal da primeira oração dá ainda mais força aos ensinamentos, tal estratégia é mais um dos recursos que sustenta o discurso religioso.

4.1.7. Santa missa

Este tópico fala um pouco mais sobre as regras de boa conduta de um cristão da Santa Montanha na santa missa.

¹⁰⁹ PICOLLI, Cristiano - **Os Direitos da Rainha do Céu e da Terra** - mensagens e milagres na Santa Montanha. Guiricema, MG -1988, p. 96 a 98.

“Jesus pede que cheguemos à Igreja quinze (15) minutos antes da Missa e que, nos dias de Aparições de Sua Mãe Santíssima, devemos esperá-La rezando e cantando em louvor à Virgem Mãe.”

“Nossa Senhora nos pede que, após uma boa confissão, recebamos a Sagrada Comunhão ajoelhados, na boca e somente das mãos consagradas do Sacerdote – as únicas que podem tocar o Santo Corpo do Senhor.

Nossa Senhora quer que, ajoelhados, façamos a nossa ação de graças depois da Comunhão. E essa ação de graças deve durar no mínimo 10 minutos.

Durante a consagração devemos estar de joelhos em adoração a Jesus imolado por nosso amor e salvação”.

“Todos os fiéis, durante a Consagração e durante a Comunhão, devem ter as mãos postas ou cruzadas sobre o peito em respeito e adoração a Jesus Sacramentado”¹¹⁰.

Além da missa, a confissão é outra prática muito recomendada e a comunhão é seu momento culminante. A comunhão é um momento único pra aqueles que têm a crença cristã. Na confissão, através dos sacerdotes que lá prestam serviços, o fiel tem a oportunidade de supostamente contar diretamente a Deus suas faltas e imediatamente receber seu perdão.

Longas filas de espera se amontoam frente aos padres que, efetivamente, não residem ali, passam apenas alguns dias para a assistência religiosa necessária àquele grupo (para tanto foi construída uma pequena residência, bem próximo ao cume da Santa Montanha, chamada Casa dos Padres, uma construção singela, mas muito aconchegante e ampla, com um grande terreiro de onde se avista toda a circunvizinhança).

Após o ato contrito da confissão, o fiel recebe a benção diretamente da vidente, que lhe oferece, também, um bocadinho do Santo óleo curativo. A hóstia não é um fato comum na Santa Montanha, apenas em ocasiões especiais são confeccionadas. O já citado Santo Óleo é quem faz as vezes do “corpo de

¹¹⁰ PICOLLI, Cristiano - **Os Direitos da Rainha do Céu e da Terra** - mensagens e milagres na Santa Montanha. Guiricema, MG -1988, p. 68 e 69.

Cristo”. Como em quase todos os tópicos, começam as ordenações legitimando o discurso como algo divino, nesse caso é Jesus quem pede.

4.1.8. Modéstia no vestir

Aos homens e às mulheres, tenham a idade que tiverem, conforme já dito anteriormente, só é permitido entrar na Santa Montanha trajando roupas consideradas pudicas; o véu é uma constante, inclusive aos visitantes. O pesquisador, em uma de suas visitas, onde foi acompanhado de um grupo de amigos, foi informado de que as mulheres só poderiam entrar de saias longas (abaixo dos joelhos), véu e absolutamente despidas de maquiagem; os homens, por seu turno, deveriam estar de camisas de manga e calças compridas. O uso do chapéu ou similares é restrito.

“Nossa Senhora pede que todos se vistam com modéstia e assim se apresentem, principalmente na Casa de Deus – a Igreja”.

“As mulheres, desde criança, devem se vestir com pudor, não trajando calças compridas, saias curtas, bermudas, shorts, nem roupas decotadas, transparentes ou colantes”.

“Os homens, desde criança, também, devem se trajar com decoro, nada de camisas sem mangas, shorts ou roupas colantes. Lembremo-nos de que nosso corpo é o templo do Espírito Santo e nós não devemos profaná-lo”.

“Durante as Cerimônias Religiosas as mulheres devem usar o véu”¹¹¹.

Enfim, o código de conduta, em especial as normas do bem vestir, reflete, novamente, uma temporalidade peculiar da Santa Montanha: o tempo mítico da inocência e do respeito pelo gênero. Manifestações afetivas como beijos e abraços são cuidadosamente vigiados, namoros coibidos. O aparte curioso é uma das filhas da vidente, então adolescente, sempre trajada num estilo

¹¹¹ PICOLLI, Cristiano - **Os Direitos da Rainha do Céu e da Terra** - mensagens e milagres na Santa Montanha. Guiricema, MG -1988, p. 69 e 70.

peculiar, espalhafatoso e colorido, com unhas brilhantes e cabelos tingidos. De maneira peculiar ela é bem aceita pela comunidade, embora seja sempre arredia e, na maioria das visitas que o pesquisador fez ao local, ficava dentro da casa principal da vidente, D. Levina. Sempre a víamos de longe, caminhando devagar e com passos peculiares, como que observando algo singular no céu ou olhando interessadamente para o chão. Sua presença sempre foi muito notada pelo pesquisador e por aqueles que nos acompanhavam pelo curioso contraste que se tecia entre o rigor e a simplicidade dos fiéis e seu estilo particular, embora, se vista numa cidade, dificilmente fosse algo que se destacasse.

4.1.9. Retorno aos ideais da vida cristã

Talvez não exista um tópico que ilustre tão bem o ideal messiânico da Santa Montanha quanto à nostalgia de uma era de ouro para sempre perdida, embora talvez nunca vivida. Muitas foram as vezes em que tal tema foi tocado no correr do texto, mas, em especial, chamamos a atenção citando alguns dizeres da Nossa Senhora da Santa Montanha que são muito peculiares, como a ênfase dada à importância da obediência ao 10 mandamentos, ou ao rigor na seqüência aos preceitos católicos sem misturá-los a outros dogmas.

“Muitas pessoas alegam que o mundo mudou, se modernizou e que muita coisa já deixou de ser pecado, mas Nossa Senhora alerta que:

Deus – Ele é Santo, não muda nunca. As suas Leis não mudaram. Os 10 Mandamentos continuam os mesmos. A Sagrada Escritura não mudou e o que era pecado continua sendo pecado.

“O céu e a terra passarão, mas as Minhas Palavras não passarão”, disse Jesus.

“Nascemos para conhecer, amar e servir a Deus, neste mundo para com Ele vivermos por toda Eternidade. Assim nos ensina a Santa Igreja”.

“Voltar aos ideais da vida cristã é viver o que Santa Igreja Católica Apostólica Romana sempre ensinou:

1° - *A recepção dos Sacramentos – Batismo, Crisma, Confissão, Santa Comunhão, Extrema Unção, Matrimônio e Ordem (os dois últimos de acordo com a vocação dada por Deus).*

2° - *“A obediência aos 10 Mandamentos da Lei de Deus, aos Mandamentos da Igreja e a obediência ao Santo Padre e a conservação do Depósito da Fé”¹¹².*

Muitas são as normas para se tornar um bom fiel da Santa Montanha, mas a crença de que seja possível criar (ou re-criar), uma era perfeita, o paraíso na terra, sempre seguindo o que diz a Santa Escritura, talvez seja o mais relevante.

4.1.10. Vida cristã autêntica

A autêntica vida cristã de um devoto de Nossa Senhora da Santa Montanha envolve muitos sacrifícios: Não utilizar nenhum tipo de vestimenta pouco pudica, não ingerir bebidas alcoólicas, não fumar, jejuar em várias ocasiões específicas, ler os evangelhos todos os dias, não freqüentar nenhum outro tipo de congregação – ainda que católica – rezar o terço várias vezes ao dia são apenas algumas das recomendações da Santa Senhora. De todos estes preceitos depende a vida eterna e não há lugar melhor para a reconstrução da vida cristã do que a Santa Montanha: o fundamento da nova Igreja Católica Apostólica Romana. Mas, e a prática? Na prática vê-se sim uma devoção quase inigualável, é comum observar mesmo em dias de semana pessoas subindo as pedras da Santa Montanha de joelhos como penitência ou como uma forma de louvar ou agradecer alguma graça concedida, porém, apenas os moradores da Santa Montanha assim, com tamanho rigor procedem, os visitantes, mesmo os mais freqüentes, muitas vezes são atraídos pelo burburinho, pela aglomeração e, não raro observamos alguém fumando escondido ou descendo a Villas-Boas para molhar a garganta em um de suas muitas vendas tudo na mais pia fé de Nossa Senhora.

¹¹² PICOLLI, Cristiano - **Os Direitos da Rainha do Céu e da Terra** - mensagens e milagres na Santa Montanha. Guiricema, MG -1988, p. 34 e 35.

*“Nossa Senhora aconselha a ler o Santo Evangelho e a vida dos Santos todos os dias pelo menos durante quinze (15) minutos e estudar o catecismo a fim de viver uma vida cristã autêntica”*¹¹³.

“Viver de acordo com os ensinamentos de Jesus e Maria, imitar os Santos na obediência a Deus e no esforço de amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos, e conhecer os ensinamentos da Santa Madre Igreja dados pelos Santos Apóstolos e Santos Padres e conservados pela Tradição, eis como devemos viver e testemunhar a nossa fé e alcançar a Vida Eterna”.

‘Jesus e Nossa Senhora pedem: Não misturem o Óleo Santo com remédios espíritas ou bebidas alcólicas (sic)’.

“Não misturem a Religião Católica com espiritismo, outras religiões ou seitas”.
*“A Santa Montanha foi escolhida para ser o Fundamento da Igreja Católica Apostólica Romana”*¹¹⁴.

É impossível, por mais que as irmãs Carmelitas ou D. Levina tentem, eliminar alguns costumes caboclos, como o bom fumo de pito ou a velha cachaça mineira. Ainda assim recomenda-se não misturarem o Santo Óleo com bebidas alcoólicas ou com remédios espíritas! O uso do imperativo, marca característica do discurso religioso, também fortalece a afirmação.

4.1.11. Conversão

Este tópico fala da conversão dos fiéis. A suposta salvação, lembremos, só estará ao alcance daqueles que se renderem a fé da Santa Montanha e é tarefa de todos os milenaristas salvar o maior número possível de pessoas, profissão de fé herdada aos franciscanos.

¹¹³ BOLETIM DA SANTA MONTANHA – número 49 (02/04/2000).

¹¹⁴ BOLETIM DA SANTA MONTANHA – número 46 (02/01/2000).

*“Nossa Senhora não quer seus filhos iludidos pelas riquezas, poder e prazeres deste mundo. Quer para nós um bem maior, imutável, eterno. Por isso nos pede conversão – a volta para Deus, para Jesus Salvador. E voltar para Deus significa amá-Lo e obedecer aos Seus Mandamentos”*¹¹⁵.

Como dissemos, o processo de conversão de novos fiéis é indispensável para qualquer religião. Sem angariar novos adeptos, como mantê-la viva? Na Santa Montanha não é diferente. O recém-chegado à primeira vez ao local é imediatamente recebido pelas irmãs Carmelitas, que o fazem sentir-se à vontade. Ao pesquisador foi chamada a atenção quanto ao chamado mariano a que ele teria respondido, podendo propagar sua ideologia a paragens que o Santo folheto não alcança. Imediatamente fui levado aos locais mais importantes da pequena vila e uma irmã me foi indicada como cicerone; suas repostas eram sempre cuidadosas e muito explicativas de sua doutrina. Também ela foi uma espécie de “escudeira” de D. Levina, uma pessoa muito simples, mas muito esquiva. Parece que as irmãs têm um certo receio das coisas que podem ser ditas pela mensageira. Reparamos que o mesmo processo se faz com todos os visitantes, às vezes reúnem-no sem grupos, para que sejam irmãs suficientes, mas sempre o roteiro é mais ou menos o mesmo: uma descrição muito viva das aparições; um relato da história da Santa Montanha enquanto caminhamos pelas partes mais importantes do santuário (capelas, igrejas, jardins) e a casa dos ex-votos; finalmente a parada final, a casa dos romeiros, espécie de sala de estar para vistas ilustres.

4.1.12. Penitência

Um dos episódios mais marcantes na história da Santa Montanha é a querela com o pároco de Guiricema, cidade sede do distrito e Villas-Boas. O Pároco acusou-os de infiéis, condenando todos aqueles que freqüentassem a Santa Montanha ao fogo do inferno. Não obstante, ainda denunciou-os à Polícia Política dos tempos da ditadura militar, levando até a mensageira a ser encarcerada como subversiva.

¹¹⁵ BOLETIM DA SANTA MONTANHA – número 51 (04/06/2000).

Este episódio, apesar de distante, ainda ecoa nos discursos daqueles que ali habitam. Por isso a recomendação: Façam a penitência da língua! O cuidado e a proteção que têm as irmãs em relação ao que é comentado sobre os milagres da Santa Montanha também podem ser notados num episódio emblemático ocorrido com o pesquisador:

“Jesus e Maria pede-nos (sic) penitência e sacrifícios; e nos ensinam que viver de acordo com os seus ensinamentos e de acordo com o nosso dever de estado é já, nos dias de hoje, uma grande penitência. Quer que façamos a penitência da língua (evitar conversas não caridosas, inúteis, indecentes ou grosseiras).

Quantas pequenas e custosas mortificações não fazemos em nossa convivência diária?

É só lembrarmos de aceitar esses pequenos “contratempos” por amor a Jesus e em reparação pelos nossos pecados e os de todo o mundo, e oferecer nossas cruzes, sofrimentos ao Sagrado Coração de Jesus, ao Imaculado e Doloroso Coração de Nossa Santa Mãe Maria”¹¹⁶.

Após muitas visitas ao local, achamos por bem entrevistar algumas irmãs Carmelitas, que não a cicerone e nos acompanhava. Ao que uma das irmãs ergueu-se ferozmente e nos disse que nós, cientistas, queríamos apenas denegrir a imagem dos fiéis e do povo pio da Santa Montanha. Mais tarde vim saber que a sta irmã outrora fora professora da Universidade Federal de Viçosa, cidade não muito distante de Villas-Boas, e , quando ainda não tinha contraído os votos, havia feito uma pesquisa com outro colega de departamento (Letras) e o mesmo havia se utilizado do material de forma a denegrir o movimento num artigo para um jornal de circulação estadual, o que trouxe muito desgosto para os freqüentadores da Santa Montanha e, em especial, para Nossa Senhora.

¹¹⁶ PICOLLI, Cristiano - **Os Direitos da Rainha do Céu e da Terra** - mensagens e milagres na Santa Montanha. Guiricema, MG -1988, p. 28.

Assim, a partir dali, a boca miúda e o arredio passou a ser o momento geral de todos frente a estranhos. Apenas algumas irmãs, escolhidas para serem cicerones dos novatos falam sobre os milagres e acontecimentos do local. Também este tópico fala do desapego em relação à felicidade terrena: ela deve ser relegada em propósito de uma felicidade posterior, alcançada na vida após a morte.

4.1.13. Oração

A oração é um sub-gênero do discurso religioso. É também a eleição de um sintagma cristalizado em ritual performativo que define e delimita a comunidade que com ele se identifica. Além disso, a oração é um momento de comunhão com Deus, e através dela o fiel se sente protegido do mundo ateu. Nesse momento de fé Deus está com ele. É também uma forma de reconhecimento do grupo religioso: cada grupo prefere uma oração. No caso da Santa Montanha, como já visto, a oração favorita é o Terço, constituída de um Pai-Nosso para cada grupo de dez Ave-Marias. Outras orações propostas como reconhecedoras do grupo mariano da Sana Montanha são o Ofício da Imaculada Conceição, oração geralmente cantada em latim seguindo a liturgia das horas, para proteger a santidade da Imaculada Conceição e o Terço de São Miguel, ou Terço dos Anjos, composto por nove saudações, uma antífona e uma oração final. Estas celebrações demoradas e trabalhosas demonstram, para os fiéis, a efetiva participação e reconhecimento do grupo. São como uma cédula de identidade do grupo. As citações abaixo são retiradas novamente do Padre Picolli.

“Além do Santo Terço, Nossa Senhora, pede que rezemos o Ofício da Imaculada Conceição, o Terço de São Miguel, que tenhamos grande devoção as Santas Chagas e à Paixão do Senhor Jesus (Terço das Chagas e Via Sacra).”

“A espada de batalha é o santo terço”

“a chave que abre o céu é a nossa obediência”

(palavras de Nossa Senhora)

TUDO NA SANTA MONTANHA SE FAZ SOB ORDEM E ORIENTAÇÃO DO MENINO JESUS E NOSSA SENHORA. SÃO ELES QUE DIRIGEM A SANTA MONTANHA.

“Agora aqui na Santa Montanha, Jesus, Deus feito Homem, torna-se presente na Imagem e dá respostas pela vidente”¹¹⁷.

“Eu tenho o poder dado por Deus de aparecer onde eu quiser. Apareço neste lugar predestinado para pedir a meus filhos para que façam penitência e venham aqui para me falar e receber graças. E para provar que a penitência ainda existe e que é necessária. E diz que é necessária para acentuar as palavras de Jesus no Evangelho: Se não fizerdes penitência, perecereis todos (luc. 13)”.

“Como, depois de um grande boom de fiéis experimentado na Santa Montanha, estes declinaram de vir com a mesma freqüência de outrora, Nossa Senhora atribui este declínio aos seus pedidos rigorosos de vida anacoreta e penitências, então diz: “Vão ficar muito poucos; mas depois, vão novamente aumentar sempre mais sem parar”.

“Aos 8 dias de janeiro de 1971, Nossa Senhora anunciou pela primeira vez que futuramente iria ser construído um Santuário, dizendo:

- Estou esperando os meus filhos para assistirem a Santa Aparição. Se todos se converterem, terão aqui um Santuário.

Esta profecia se encontra registrada no primeiro volume das anotações das Aparições, à página 49.

Doutra vez, aos 02 de fevereiro de 1973, Nossa Senhora anunciou que iria ser construído na Montanha, um Santuário de Misericórdia de Deus, dizendo:

¹¹⁷ PICOLLI, Cristiano - **Os Direitos da Rainha do Céu e da Terra** - mensagens e milagres na Santa Montanha. Guiricema, MG -1988, p. 24 a 45.

- *“A Santa Montanha é o lugar escolhido por Deus para nela ser construído o Santuário de sua Misericórdia”.*

“A ninguém é permitido contestar a Revelação Evangélica sob pena de condenação.”(...)

Portanto, é necessário confrontar o Evangelho com os fatos de cada aparição, tendo-se averiguado a verdade da aparição, achando-se que é idêntica com as verdades evangélicas, merecem idêntica aceitação, pela simples razão de serem os mesmos Autores Jesus e Maria, sua mãe”¹¹⁸.

Repare como a identificação dos sujeitos entre si bem como o assujeitamento das personalidades confere uma caráter de unificação entre os fiéis, levando-os a se tornarem uma comunidade unificada. Também outra característica típica dos discursos religiosos, a identificação clara da comunidade dos escolhidos (“A Santa Montanha é o lugar escolhido”) mostra a delimitação e a divisão de planos da religiosidade.

4.1.14. Litígio com a diocese

Desde o princípio das aparições houve um certo desconforto entre a Diocese de Leopoldina – responsável pela paróquia de Guiricema – e a Santa Montanha. Os padres foram categóricos em classificá-los como fanáticos. Os milagres efetuados pela Santa nunca foram reconhecidos e mesmo os fiéis da Igreja Católica que foram seduzidos pelos chamados da Sra. Levina e da Santa Maria eram freqüentemente ameaçados de excomunhão pelo pároco de Guiricema. Tudo isso acabou resultando num cerco asco geral em toda sociedade da cidade. Durante algum tempo os fiéis eram ridicularizados ou mesmo insultados quando iam até a cidade.

Com o crescimento do número de freqüentadores da Santa Montanha, a Igreja instituída local, sentiu-se ameaçada e suas receitas foram drasticamente reduzidas, o que levou a uma ofensiva que culminou no episódio da prisão da

¹¹⁸ PICOLLI, Cristiano - **Os Direitos da Rainha do Céu e da Terra** - mensagens e milagres na Santa Montanha. Guiricema, MG -1988, p. 28 e 29.

mensageira e duas outras devotas quando o DOPS – Departamento de Ordem Política e Social – resolveu seguir as denúncias do pároco e ver o que tramavam aqueles “subversivos”. Tudo ficou rapidamente esclarecido e logo todos foram liberados, mas a mágoa com a diocese permaneceu até os dias de hoje.

“Nossa Senhora, desde o começo das aparições, mandou escrever muitas cartas e abaixo-assinados, participando ao senhor bispo da Diocese as graças alcançadas e milagres da Santa Montanha. Foi em vão.”

O Sr. Bispo, referindo-se às correspondências:

- Digam que venham com um caminhão para buscar as correspondências devolvidas.

Nossa Senhora chegou a mandar uma Comissão para falar com o Sr. Bispo da Diocese. O revm? Padre José Guerra fez parte da Comissão.

Nossa Senhora respeitou os direitos do Sr. Bispo esperando e aguardando durante dez anos. (...)

“Eu respeitei os direitos do Sr. Bispo durante dez anos; agora ele que respeite os meus Direitos de Mãe da Igreja, pois, todos os bispos e padres do mundo inteiro são meus. Eu tenho direitos sobre eles”

Nossa Senhora afirmou também isso:

“Todos os Bispos e os Padres virão prestar-lhe reverência e a obediência aqui na Santa Montanha e por castigo o bispo diocesano será o último a vir...”¹¹⁹.

Nestas frases percebemos muito nitidamente a divisão nos planos temporal e sagrado, embora a mistura entre os atos da mensageira e aqueles supostamente ordenados pela divindade estejam misturados no discurso do Padre Picolli. Lembremos que este não é um relato colhido na localidade, mas

¹¹⁹ PICOLLI, Cristiano - **Os Direitos da Rainha do Céu e da Terra** - mensagens e milagres na Santa Montanha. Guiricema, MG -1988, p. 49.

um resgate da documentação que o vilarejo possui, trata-se de uma reestruturação da história, um re-contar que supõe uma re-significação do fato.

4.1.15. As mensagens nas folhas

Nem sempre as mensagens foram repassadas diretamente para a vidente, Sra. Levina. Nos primeiros tempos da Santa Montanha, mais pessoas supostamente tinham as visões de Nossa Senhora, e existiam também outras formas de ser atendida: as mensagens nas folhas (folhas de árvores) foi uma destas formas. Por algum tempo Ela mandava suas mensagens, que hoje são exclusivamente para Sra. Levina, de forma cifrada com letras aparentemente desorganizadas “escritas” nas folhas, algum tempo depois as mesmas letras apareceram em troncos de árvores, toalhas de missa, papéis e santinhos. O conteúdo desse tópico fala disso.

“Nos primeiros anos, Nossa Senhora falava diretamente para a vidente.”

Certo dia, aos 30 de janeiro de 1968 o missionário pe. Geraldo Maria de Oliveira pediu à vidente uma mensagem. Ela ficou surpreendida, pensando o que queria dizer aquilo, pois, nunca tinha ouvido falar em mensagem. O missionário estava se retirando à porta a fora. Naquele instante caiu uma folha na cozinha. Chamou de volta o padre e disse-lhe:

- O seu pedido foi atendido.

O padre leu na folha muitas letras, mas não sabia o significado. Então ele disse: - Se a senhora dá conta de ler estas letras eu vou acreditar nas aparições, caso contrário, não acreditarei.

E a vidente começou a ler pela primeira vez as mensagens nas folhas... Em seguida dirigiram-se para o local das aparições. No meio do caminho pediu que lesse novamente as letras da folha, chegando ao local das aparições pediu que lesse pela terceira vez. Nas três vezes confirmaram as palavras. Diante disto o pe. Geraldo deu fé na mensagem; porém usou ainda de um outro expediente. No mesmo dia apanhou outras folhas, colocou propositalmente a já lida três

vezes. *A vidente foi passando as folhas, quando passou a folha lida três vezes disse: - Esta não confere mais. Já foi lida (1º vol. de anotações, pagina 64).*

Nossa Senhora deu ainda 52 mensagens lidas nas folhas pela vidente. Com o tempo, Nossa Senhora modificou o modo de dar as mensagens. Certas pessoas enxergam letras nas toalhas da Igreja, em pedras, em cascas de árvores, em folhas, em pétalas de flores, nos livros, em santinhos, etc.

Estas pessoas que têm o dom de ver letras, copiam-nas em páginas de caderno; depois estas páginas de letras são lidas diante das aparições de Nossa Senhora ou do Menino Jesus.

“Por cima destas letras a vidente vê outras letras douradas e luminosas, donde vem as mensagens”¹²⁰.

Este conteúdo também foi retirado do texto do Padre Picolli, interessante notar de que forma o dito padre legitima seu discurso: existe um *imprimatur* na capa do livro, também antes de contar toda a história da Santa Montanha o escritor relata os milagres, conferindo uma força extra em seu discurso dogmático e cercado de vocativos.

¹²⁰ PICOLLI, Cristiano - **Os Direitos da Rainha do Céu e da Terra** - mensagens e milagres na Santa Montanha. Guiricema, MG -1988, p. 58/59.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Os movimentos messiânicos tradicionais que têm se desenvolvido no interior do Brasil, envolvendo amplas massas populares sugerem a perda coletiva das condições de produção da existência dessas populações, ou seja, da possibilidade de continuar vivendo uma determinada identificação cultural e econômica que os constituiu e que serve de ponto de referência. Esses movimentos ocorrem em sociedades submetidas a processos de desestruturação resultantes da ação externa, como a dominação ou a absorção por outro grupo social. Particularmente nas zonas rurais esse fenômeno aparece nos momentos de transição de um tipo de estruturação parental para outro, no qual as formas de relacionamento interpessoal são regulamentadas e orientadas pelo capital.

No caso da Santa Montanha parece ter acontecido uma tentativa de re-encantamento dentro dos quadros de uma ação coletiva orientada por utopias milenaristas. A dominação patrimonialista, surgida com o processo da reestruturação produtiva daquela micro-região, a partir da tentativa do governo federal em aumentar a renda per-capta, levou a um desencantamento do mundo concreto e simbólico. O re-encantamento foi a saída encontrada para aquela comunidade, que tentou voltar a uma ordem pretérita, numa unidade ideológica baseada no catolicismo rústico ¹²¹.

Outrossim, é apenas de forma inconsciente que tal percepção se realiza, sendo somente por razões que os protagonistas identificam como sendo particulares, que eles migram para o movimento da Santa Montanha. Nos seus discursos transparecem apenas apelos reificantes de sua visão de mundo tradicional e providencialista.

Ao fazerem uma representação conservadora da sociedade que se forma a partir da nova estruturação social nos anos sessenta naquelas paragens, não o

¹²¹ Conforme MONTEIRO, Douglas Teixeira - **Os errantes do novo século: um estudo sobre o surto milenarista Contestado**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1974 (Série Universidade, 2).

fazem claramente com alguma referência aos fatores sociais que os levaram a uma situação de opressão social e pobreza elevada. Nunca relacionam claramente sua atual posição no quadro social com o processo de modernização conservadora por que passa o Estado brasileiro naquela conjuntura, modernização que vem associada com novos padrões comportamentais regulados não mais por uma estrutura de parentesco ou compadrio, mas, sobretudo pelo mercado.

Nesse sentido, é importante destacar a construção simbólica daquela comunidade visível nas prédicas em relação ao mundo que os cerca: essa construção opera uma lógica que não é histórica, parece-nos mais estar na dimensão da ficção ou da magia. O mundo é tomado como realidade dada e objetiva. Não existe uma construção histórica que o tenha levado a estes termos, ele simplesmente é vivenciado como aí estando. Os moradores não fazem referência a um momento em que deixaram de ser pequenos produtores para serem empregados e depois desempregados, quando os projetos agrícolas implementados pelo governo não se consolidaram. Simplesmente a situação de abandono e marginalização é relatada nas prédicas, mas o tempo mítico que se quer restaurar não aparece como um tempo de produtividade, é, sim, a tentativa de re-encantar um tempo de compadrio cristão.

Por outro lado, na nossa avaliação não enxergamos aquela comunidade como movida por ideais revolucionários. O que ocorre após as prédicas, devoções e todos os rituais do cotidiano da Santa Montanha é que os fiéis voltam para os seus afazeres, preocupações e interesses ligados às suas mais diversas atividades sociais e econômicas, abstraindo qualquer motivação ou discussão política e ideológica.

Com efeito, somente durante o ritual de suposto diálogo e aparição da divindade é que se observou uma certa ilusão de transposição social traduzida na liderança de algum mensageiro escolhido para publicizar e explicitar as prédicas e diálogos manifestados pelos santos. Assim, por um momento de encantamento parecem ter desaparecido todas as diferenças sociais que levaram os milhares de fiéis a orarem pela ajuda da Santa.

No momento de seu surgimento, a única saída para aqueles que perderam suas terras foram os pequenos lugarejos no em torno da região. Nesta época houve a ilusão de que aquele pouco dinheiro recebido por suas humildes terras seria suficiente para a concretização das aspirações pessoais, definidas, em geral, como melhoria de condições de vida.

A falta de uma estrutura adequada destes lugarejos para receberem a multidão de migrantes levou a um caos local onde a falta de educação e, principalmente, saúde, desencantou os mediadores da Santa. Ela surge e imediatamente realiza dois milagres de cura: A própria mensageira e Benjamim Feliciano. Ambos desencantados pela medicina oficial.

As dificuldades de acesso a meios especializados de saúde e a precariedade das estruturas sociais formadas nos pequenos lugarejos agora inchados por milhares de novos moradores abrem uma porta para as instâncias sobrenaturais na tentativa de contorná-las ou separá-las. As dificuldades, ao abrirem este espaço ao sobrenatural, recolocam a religião no centro da vida, tanto como recurso maior de resolução (ou cura, como é o caso) como explicação da ordem das coisas.

A ideologia religiosa, se um dia tornou-se latente entre as pessoas simples daquela micro-região, retorna como articuladora do sentido da existência. Se é a perda coletiva das condições de reprodução dos modos tradicionais de vida que abre espaço para os movimentos messiânicos, é a ideologia religiosa e o re-encantamento do mundo que os realiza.

Neste sentido faz-se imprescindível a figura da mensageira Levina da Silva Ferreira, uma vez que é ela quem lidera a constituição do movimento e lhe imprime as características.

Num momento de crise pessoal e doença crônica Levina tem uma visão que a leva a pregar ao mundo uma palavra de esperança, muitos se aproximam em

função da igual situação de desespero ou por identificação (dizia uma das moradoras: “Se ela vê, eu também quero ver, né?”) outros se aproximaram incrédulos mas curiosos, os primeiros milagres se incumbem de convertê-los.

Ao procurar as pessoas que tinham problemas de saúde e prometer-lhes uma solução, Levina estrutura toda a simbologia do movimento, que é de encantamento da realidade física. A crença de que todos os problemas que as pessoas tivessem, fossem físicos ou qualquer outro tipo de crise, seriam solucionados pela intervenção de Nossa Senhora junto a seu filho, surge em seguida e apenas faz aumentar o número de fiéis, que chega a impressionante marca da dezena de milhares de romeiros se apertando na montanha.

A luta por uma vida melhor, que teria gerado e aberto caminho para as primeiras aparições, deixa de orientar o eixo simbólico e o bem estar espiritual surge num segundo momento. Trava-se no mundo a luta entre o bem e o mal, entre Deus e o Diabo. O segundo assume formas muito concretas: o pároco de Guiricema, o Bispo de Leopoldina, os inimigos de Nossa Senhora da Santa Montanha. Deus aparece de maneira diáfana apenas nas mensagens passadas nas prédicas pela mensageira e cuidadosamente transcritas pela inteligência do movimento (leia-se Irmãs Carmelitas).

Neste momento nota-se a clara seleção na hora da transcrição das mensagens: aquilo que fere as intenções carmelitas é corrigido pelas irmãs. O discurso proferido pela mensageira é absolutamente peculiar, repleto de maneirismos e proferido conforme o linguajar de uma pessoa muito simples é cuidadosamente corrigido e adaptado às leituras oficiais.

Então temos um problema: as prédicas analisadas acima são as publicadas e não as originalmente proferidas. Sim, as prédicas analisadas acima são as oficiais e podem ser encontradas nos folhetos de divulgação entre 1999 e 2005. Embora o pesquisador visse por várias vezes a prédica original, apenas analisamos, por ser de consulta pública, o discurso oficial da Santa Montanha.

Mas a fonte principal dos ensinamentos para os freqüentadores são as falas de Levina, não os folhetos, mesmo porque a maior parte dos fiéis não sabe ler ou muito menos utilizar a rede mundial de computadores.

As transformações sofridas pela Igreja Católica oficial a partir da década de sessenta parecem, por outro lado, ter fortalecido o surgimento de grupos intransigentes na defesa de uma fé que eles consideram mais próxima a pregada pelos evangelhos. Isso reforçou ainda mais o posicionamento claro da fé oficial contra estas correntes e, por tabela, também contra os outros tipos de fé, como o espiritismo, o protestantismo e outras religiões.

A Santa Montanha surge, ou insurge, contra estas mudanças e prega uma nova/velha crença, a volta aos padrões rígidos do catolicismo rústico. Assim tudo o que concebem como moderno é rejeitado, e o balizador, para considerar certos hábitos modernos ou tradicionais, é sempre o religioso. Porém o mundo material moderno não é rejeitado, lembremo-nos de que as posses são mantidas e mesmo admiradas, findo o momento de comunhão com Santa.

Nestes termos, a maior parte dos valores rejeitados como modernos pela comunidade são simbólicos. Como o padrão são a moralidade e a religião rústica, tudo que vem do exterior do mundo rural da micro-região é rechaçado e identificado como o mal.

Ao selecionar o catolicismo rústico como o modelo de contraponto à sociedade secularizada, contudo, pela denegação, acabam afirmando-a. Ao assumirem a influência do ideário ético-ideológico rústico, a ideologia contrária, o capitalismo liberal, penetra fundo no complexo simbólico criado com a finalidade de rejeitá-lo.

Esta é apenas mais uma das contradições que nutrem os movimentos messiânicos, talvez a mais impressionante seja a relacionada aos meios de salvação: a salvação que se pretende coletiva depende das atividades individuais orientadas pelo código de ética puritano imposto aos moradores.

Em nossa opinião a Santa Montanha surge como uma simbolização reacionária a reestruturação econômica da micro-região de Ubá. Esta simbolização vale-se da mitologia cristã e advoga tendências ao re-encantamento do mundo material, trazendo aos fiéis, nem que seja por um breve momento, a ilusão de igualdade e reversão dos papéis sociais financeiramente estabelecidos.

Em capítulo anterior já caracterizamos a Santa Montanha como um movimento messiânico, isto é, como sendo *um movimento social que procura a solução de uma crise súbita e profunda que se processa em uma sociedade tradicional, cuja religião favorece a formação de crenças no retorno de um herói ou de uma divindade*¹²².

A crise, que normalmente acontece de forma súbita e violenta, neste caso específico aconteceu lentamente, introduzindo transformações fundamentais no longo prazo, caracterizando-se pelo processo de mudança social consubstanciado pela reestruturação socioeconômica patrocinada pelo PRODEMATA. Tal processo culminou no conflito de valores vividos por indivíduos acostumados a um arranjo parental da sociedade e inadaptados ao conceito produtivo e relacional capitalista no qual passaram a viver e, conseqüentemente, na rejeição a esta sociedade.

A religiosidade da Santa Montanha possibilitou tal rejeição, caracterizando-se por um movimento de espera de uma sociedade mais justa inspirada nos valores cristãos antigos. Desta forma a rejeição assumiu caráter simbólico representada pelos ideais messiânicos católicos e a tentativa de preservar – ou retornar – a um antigo estilo de sociabilidade.

Maria Isaura Pereira de Queiroz¹²³ propõe uma tipologia de situações que dão lugar aos movimentos messiânicos a partir da sociedade global tradicional, demonstrando ela que a sociedade tradicional é capaz de dinamizar e de

¹²² PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura - **O Messianismo no Brasil e no Mundo**. 2a edição, prefácio de Roger Bastide. São Paulo: Alfa-Omega, 1976 (Biblioteca Alfa-Omega de Ciências Sociais - 1a - Sociologia, 6), p. 324.

¹²³ PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura - **O Messianismo no Brasil e no Mundo**, p. 324 e adiante.

resolver seus problemas de acordo com suas próprias capacidades, independente de estímulos externos. Tal tipologia refere-se a: A) A formação de novas sociedades globais, dando lugar então a movimentos de retorno às sociedades anteriores; B) Mudança ou anomia na configuração interna das sociedades globais, dando lugar a movimentos de transformação ou de reorganização; C) Formação de novas sociedades, com mudança ou anomia na configuração interna destas, dando lugar a movimentos de aparente transformação, mas que ao mesmo tempo são movimentos de retorno e reorganização da forma antiga de estruturação.

Nesta tipologia a Santa Montanha se encontra entre aqueles que combatem a mudança na configuração interna das sociedades globais, tomando, então, o caráter de transformação. A Santa Montanha reage justamente ao processo de reestruturação social iniciado pelo governo federal nos anos sessenta e demarcado principalmente pelo PRODEMATA, fruto do processo de modernização da sociedade daquela micro-região, envolvendo indivíduos desajustados em relação ao novo estilo de vida moderno regido pelas relações de capital.

Neste aspecto, representa um resquício de tradicionalismo na inserção desta sociedade no modernismo produtivo. Pereira de Queiroz propõe dois momentos de coexistência entre as sociedades tradicionais e modernas, tomando como base a Europa: Primeiramente, quando a sociedade tradicional é geral e a nova forma social surge como “ilhas” de uma nova sociedade; quando, ao contrário, é a nova sociedade que demonstra caráter geral, são os tradicionalismos que se apresentam como ilhas de arcaísmo entre ela¹²⁴. Desta forma todos os movimentos messiânicos surgidos nesta situação seriam momentos de adaptação de certas comunidades sempre fadadas ao desaparecimento. A Santa Montanha coaduna com a segunda opção.

¹²⁴ PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura - **O Messianismo no Brasil e no Mundo**. 2a edição, prefácio de Roger Bastide. São Paulo: Alfa-Omega, 1976 (Biblioteca Alfa-Omega de Ciências Sociais - 1a - Sociologia, 6)

Por sua vez, Roger Bastide¹²⁵, diria que

a mudança social do processo de desagregação do estilo parental de organização social se dá a partir da introdução da sociedade urbano-industrial em formação irreversível, sob esta ótica julgaríamos a Santa Montanha como um processo de atraso a natural modernização da sociedade global¹²⁶.

As duas interpretações, de Maria Isaura e de Roger Bastide, porém, parecem julgar uma concepção de modernização ou evolução num sentido unilateral e irreversível, onde todos os aspectos tanto econômicos quanto culturais sofreriam mudança em direção a uma urbanização-industrialização, fator que não percebemos na micro-região em questão.

Parece-nos mais, concordando com Consorte e Negrão¹²⁷, de que a mudança sócio-cultural em curso pela época do surgimento do movimento hora analisado é diferente, onde a difusão de produtos culturais e materiais da sociedade moderna em segmentos tradicionais não implicam numa transformação unilinear, no sentido de se formar uma sociedade nos moldes industriais-urbanos, como na Europa Ocidental ou nos Estados Unidos da América.

No Brasil, e particularmente naquela micro-região de Ubá, os segmentos urbanizados/industrializados e tradicionais se influenciam reciprocamente, tanto economicamente quanto culturalmente, com o primeiro contribuindo com a necessidade econômica e o segundo com introdução de valores e normas de comportamento tradicionais trazidas, principalmente, pelos migrantes.

¹²⁵ BASTIDE, Roger - **Brasil, terra de contrastes**. 5a ed., tradução de Maria Isaura Pereira de Queiroz, São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973 (Corpo e Alma do Brasil).

¹²⁶ De forma semelhante Hobsbawm, ver HOBBSBAWN, Eric J. - **Rebeldes Primitivos: estudos de formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX**. 2a edição revista e ampliada, tradução de Waltensir Dura, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978 (Biblioteca de Ciências Sociais - Sociologia e Antropologia).

¹²⁷ CONSORTE, Josildeth Gomes e NEGRÃO, Lísias Nogueira – **O messianismo no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FFLCH-USP/CER, 1984.

Esta atuação do setor tradicional sobre o moderno pode ser vista como funcionalmente oposta à modernização, já que implica na introdução de idéias, atitudes e percepções típicas de ambientes tradicionais em ambientes não tradicionais. Esta introdução de idéias tradicionais faz com que muitas comunidades afetadas pela modernização se voltem para uma criação mágica ou para um re-encantamento do mundo anteriormente tomado pela racionalização. Surge a saída mágica dos movimentos messiânicos.

Roger Bastide¹²⁸ propõe que se deva admitir também outra saída simbólica quando vemos a existência de processos correlatos à modernização que levariam a uma secularização da cultura e a individualização do comportamento, que promoveriam o ajustamento dos elementos que tiveram sua vida recém modificada pela re-estruturação da sociedade ao novo universo cultural e ao seu estilo de vida. Bastide acredita que este seja o caso das religiões de fundamentação espírita, onde a compatibilização religiosa intensa, típica dos indivíduos de formação tradicional é o caráter secular da sociedade industrializada.

Porém tal secularização não implica numa destradicionalização total, trata-se, isso sim, de uma fusão entre o sagrado e o secular. Cândido P. Pereira de Camargo¹²⁹ coloca que os movimentos religiosos de caráter mediúnico – e aqui podemos colocar a religiosidade da Santa Montanha e sua relação entre profetisa e Nossa Senhora – têm a capacidade de combinar valores éticos internos organizados de modo tradicional com estilo sacro e de interpretação do mundo que cerca ao fiel. Sendo que a contribuição que denominamos de sobrenatural é a capacidade em explicar os fatos e acontecimentos da vida, integrando no sistema comum e profano de explicação das coisas, outros dados que os completam e que vem revelar um sentido mais integral de nossa experiência de vida. Assim, tais movimento religiosos, embora fatores que promovam o ajustamento de determinado grupo a um novo estilo de vida onde

¹²⁸ BASTIDE, Roger - **Brasil, terra de contrastes**. 5a ed., tradução de Maria Isaura Pereira de Queiroz, São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973 (Corpo e Alma do Brasil).

¹²⁹ PEREIRA DE CAMARGO, Cândido P. – **Kardecismo e Umbanda**. São Paulo: Pioneira Editora, 1961, p. 112/113.

as relações não mais são estruturadas pelo viés parental, não podem ser entendidas como agentes secularizadores. Talvez a melhor interpretação seja a de que eles são agentes de sacralização da racionalidade capitalista, que surgem no momento de desencantamento do universo. A comunhão religiosa da Santa Montanha torna sagrado cada singelo ritual da vida cotidiana uma vez que sua finalidade é sempre a de salvação no Juízo Final.

Porém não podemos dizer que a transformação por que passava a sociedade brasileira no momento do surgimento da Santa Montanha, da sociedade tradicional para a moderna e, na própria micro-região, da sociedade parental para a capitalista, fosse total. Alguns setores, principalmente a religiosidade permanecem constituídos de elementos tipicamente tradicionais. Daí se conclui que a sociedade daquela região tende, através da integração entre os setores seculares e tradicionais, para uma nova tipologia macro-social, na qual novos e velhos valores coexistem, ajustando-se de alguma forma. A questão da posição da Santa Montanha frente à mídia torna este ponto bastante claro.

A Santa Montanha, constituindo-se como uma sociedade formada a partir de uma interpenetração variável de elementos tradicionais e modernos e sendo ela mesma a um tempo sacralizadora e racionalizadora, justifica a seletividade em relação aos valores embutidas na nova estruturação social após o PRODEMATA.

Nesta linha de raciocínio, a Santa Montanha tem a função de *estabelecer um ambiente fraternal e primário, semelhante aos ambientes parentais de origem, destinados a indivíduos ainda não integrados a nenhum tipo de associação política ou de classe*¹³⁰. Seria a preservação dos elementos essenciais do tradicionalismo sem fugir do meio modernizado em que se insere. Lembremos que a maioria dos freqüentadores da Santa Montanha são apenas visitantes,

¹³⁰ HOBBSBAWN, Eric J. - **Rebeldes Primitivos: estudos de formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX**. 2a edição revista e ampliada, tradução de Waltensir Dura, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978 (Biblioteca de Ciências Sociais - Sociologia e Antropologia), p. 20.

inserindo-se, após a prédica, no sistema produtivo global da sociedade em torno.

De qualquer forma temos, a título de conclusão, que a interpenetração de características tradicionais e modernas a partir do PRODEMATA na sociedade da micro-região de Ubá produz um novo tipo de organização, onde o messianismo é perfeitamente possível, embora com isso não afirmemos que esta convivência de sociedade secular e tradicional seja não conflituosa, como o demonstra o episódio de delação ao Departamento de Ordem Política e Social.

Assim, a Santa Montanha não demonstra ser apenas o resquício de uma sociedade tradicional, mas um movimento peculiar ao caso da estruturação social daquela região onde a modernidade e o tradicionalismo convivem em certa harmonia enquanto um deles não ultrapassa o outro. Neste aspecto, movimentos messiânicos como a Santa Montanha continuarão sempre existindo enquanto forma de adaptação de setores da sociedade tradicional aos desafios da modernidade e atuarão nos momentos de crise desta convivência como agentes sociais da sociedade global no sentido da integração destes indivíduos a uma concepção moderna da estruturação capitalista dos relacionamentos outrora parentais.

VI - BIBLIOGRAFIA

ALTHUSSER, Louis – **Aparelhos ideológicos de estado**. Rio de Janeiro: Graal editora, 2001.

ALPHANDÉRY, P. - **La chrétienté et l'idée de croisade**. Paris: A. Michel, 1995.

ALIGHIERI, Dante – **A divina comédia**. Tradução de João Ziller. Belo Horizonte: Veja, 1978.

BARBOSA, Sérgio – **Antônio Conselheiro e Padre Cícero: Uma abordagem mística de um artigo jornalístico**. Disponível em <http://www.fai.com.br/publicacoes/artigos/omnia3/artigo4.pdf>. Acessado em 02/06/2006.

BASTIDE, Roger - **Brasil, terra de contrastes**. 5a ed., tradução de Maria Isaura Pereira de Queiroz, São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973 (Corpo e Alma do Brasil).

CAMPOS, Leonildo Silveira – **O milenarismo intramundano de novos pentecostais brasileiros**. Disponível em <http://www.clacso.edu.ar/~libros/anpocs00/gt16/00gt1624.doc>. Acessado em 02/06/2006.

BROWN, P. – **The rise of western Christendom: triumph and diversity, A.D. 200 – 1000**. Oxford: BH Blackwell Publishing, 1996.

CONSORTE, Josildeth Gomes e NEGRÃO, Lísias Nogueira – **O messianismo no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FFLCH-USP/CER, 1984.

COIN, Cristina - **A guerra de Canudos**. São Paulo: Scipione, 1992.

CUNHA, Euclides da - **Os sertões: campanha de Canudos**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966 (Clássicos Brasileiros, 1280) - primeira edição: 1902.

DELLA CAVA, Ralph – **Milagre em Juazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

DAVIS, Mike - **Late victorians holocausts- El Niño famines and the making of the third world**. EUA : ed. Verso, 2001.

DELUMEAU, Jean – **Mil anos de felicidade – Uma história do paraíso**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

DICKIE, Maria Amélia Schmidt - “Mucker e o grupo étnico”. In: **Anais do Museu de Antropologia/UFSC**. Florianópolis, 1983 - páginas 106/123.

DICKIE, Maria Amélia Schmidt - **Milenarismo em contexto significativo:** os Mucker como sujeitos. Disponível em <http://www.ifcs.ufrj.br/jornadas/papers/09st0804.rtf>. Acessado em 02/06/2006.

DUARTE, Raimundo - **O movimento messiânico de Pau de Colher.** Comunicação apresentada ao IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros. Salvador: Universidade Federal da Bahia - Departamento de cultura, 1969.

DURKHEIM, Emile – **Suicídio: definição do problema, suicídio altruísta, suicídio egoísta, suicídio anômico,** in Coleção Grandes Cientistas, p 103 a 122. SP: Ed. Atica, 1995.

ECO, Umberto – **O nome da rosa.** Rio de Janeiro, Record, 1983.

FACÓ, Rui - **Cangaceiros e fanáticos:** gênese e lutas. 3a edição, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972 (Retratos do Brasil, 15).

FILLATOW, Fabian – **Do sagrado à heresia:** o caso dos monges barbudos (1935-1938). Disponível em <http://www.webhumanas.hpg.ig.com.br/filatow.PDF>. Acessado em 02/06/2006.

FROMM, Erich – **O Dogma de Cristo e outros ensaios sobre religião, psicologia e cultura.** Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

GALVÃO, Walnice Nogueira - **No calor da hora:** a guerra de Canudos nos jornais/ 4a expedição. 2a edição, São Paulo: Editora Ática, 1977.

GIUMBELLI, Emerson - **Religião e (des)ordem social:** Contestado, Juazeiro e Canudos nos estudos sociológicos sobre movimentos religiosos. Dados v. 40 n. 2 Rio de Janeiro 1997.

HERMANN, Jaqueline – **Canudos, a terra dos homens de Deus.** Estudos, Sociedade e Agricultura, 9, outubro de 1997, p. 16-34.

HOBBSBAWN, E. J. - **Rebeldes Primitivos:** estudos de formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX. 2a ed. revista e ampliada, tradução de Waltensir Dura, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978 (Biblioteca de Ciências Sociais - Sociologia e Antropologia).

HOORNAERT, Eduardo – **Formação do catolicismo brasileiro 1550-1800.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1974.

JUNIOR, C. I.; FRADE, I. – **Muitas Cataguases:** novos olhares acerca da história regional. Juiz de Fora: Editar, 2006.

KOCHAKOWICZ, L. – Heresia. IN: ROMANO, R. **Enciclopedia Einaudi.** V.39. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1987, p. 301-325.

KOHN, H. – **Toward the millenium**: Messianic expectations from the bible to Waco. Brill, 1998.

LANTERNARI, V. – Milênio. IN: ROMANO, R. **Enciclopedia Einaudi**. V.39. Lisboa:Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1987, p. 303-324

LIMA Sérgio Fernandes de - **O sebastianismo no romance *pedra bonita*, de José Lins do Rego**. Disponível em <http://www.iaec2.br/biblioteca/tcc/arquivos-conteudo/arquivos-indice/tcc-letras/tccsergio.doc>. Acessado em 02/06/2006.

LEVINE, Robert M. – **O sertão prometido** : o massacre de Canudos. São Paulo: EDUSP, 1995.

LIOSA, Mario Vargas - **A Guerra do fim do mundo**. Rio de Janeiro: Francisco Alves,1981.

MAGALHÃES, Célia Maria. **Reflexões sobre a análise critica do discurso**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001.

McGINN, Bernard – **The abbot and the doctors**: scholastic reactions to the radical eschatology of Joachim of Fiore. Church History 40, 1971.

MONIZ, Edmundo – **A guerra social de Canudos**. Rio de Janeiro: Ataliba Nogueira, 1978.

MELLO E SOUZA, L. – **O diabo e a terra de Santa Cruz**. São Paulo: Cia das Letras, 1986.

MONTEIRO, Duglas Teixeira - **Os errantes do novo século**: um estudo sobre o surto milenarista Contestado.São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1974 (Série Universidade, 2).

MOURÃO, Laís - **Contestado**: a gestação social do messias. in: Cadernos da CERU. São Paulo: Centro de Estudos Rurais e Urbanos da USP, nº 7, 1974 - páginas 59/98.

MÜHLMANN, W. - **Chiliasmus und nativismus**. studien zur psychologie, soziologie und historischen kasuistik der umsturzbewegungen, Berlin, 1964
NEGRAO, Lísias Nogueira. **Revising the messianism in Brazil and prophecying its future**. Revista brasileira Ciências Sociais, junho 2001, vol.16, no.46, p.119-129. ISSN 0102-6909.

NEGRAO, Lísias Nogueira. **Neither "enchanted garden" nor "disenchanted intellectuals club"**. Revista brasileira Ciências Sociais, Oct. 2005, vol.20, no.59, p.23-36. ISSN 0102-6909.

ORLANDI, Eni P. - **A linguagem e seu funcionamento** - As Formas do Discurso.Campinas, SP: Pontes, 1987.

PELIKAN, Jaroslav Jan - **Maria através dos séculos**: seu papel na história da cultura. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

PEREIRA DE CAMARGO, Cândido P. – **Kardecismo e Umbanda**. São Paulo: Pioneira Editora, 1961.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura - **O campesinato brasileiro**: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil. São Paulo, EDUSP; Petrópolis: Vozes, 1973 (Estudos Brasileiros, 3).

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura - **O messianismo no Brasil e no mundo**. 2a edição, prefácio de Roger Bastide. São Paulo: Alfa-Omega, 1976 (Biblioteca Alfa-Omega de Ciências Sociais - 1a - Sociologia, 6).

POMPA, Cristina. **A construção do fim do mundo**. Para uma releitura dos movimentos sócio-religiosos do Brasil "rústico". Rev. Antropol., 1998, vol.41, no.1, p.177-211. ISSN 0034-7701.

POMPA, Cristina. **Profetas e santidades selvagens**. Missionários e caraíbas no Brasil colonial. Rev. bras. Hist., 2001, vol.21, no.40, p.177-193. ISSN 0102-0188.

QUEIROZ, Mauricio Vinhas de - **Messianismo e conflito social**: a guerra sertaneja do Contestado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966 (Retratos do Brasil, 45).

QUEIROZ, R. S. . **A Caminho do paraíso**: O Surto Messiânico-Milenarista do Catulé. São Paulo: Centro de Estudos da Religião, 1995. v. 6. 187 p.

REEVES, Marjorie – **The prophetic sense of history in medieval and renaissance Europe**. Hampshire, Great Britain: Ashgate publishing Ltd, 1999.

REGO, José Lins do - **Pedra Bonita**. 9a edição, com um estudo de Paulo Rónai, Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1979 (Sagarana, 53).

RUSCONI, Roberto - **La historia del fin**: Cristianismo y milenarismo. Teología y Vida. Vol. XLIV (2003), pp. 209-220.

SÁ, Xico - **Beato José Lourenço**. Fundação Demócrito Rocha, 2001.

SANTOS, João Felício dos - **João Abade**. Rio de Janeiro: Agir Editora, 1958.

SARAIVA, José Hermano – **História de Portugal**. Madri: Aliança Editorial, 1989.

SCHADEN, Egon - **A mitologia heróica de tribos indígenas do Brasil**: ensaio etno-sociológico. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura - Serviço de Documentação, 1959 (Coleção Vida Brasileira).

THOMAZ, L. F. - Entre l'histoire et l'utopie : le mythe du prêtre Jean, in **Les civilisations dans le regard de l'Autre**, Actes du Colloque International, Paris, Unesco, 2002.

VALENSI, Lucette – **A batalha de Alcácer-Quibir e o mito do sebastianismo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

VILLA, Marco Antônio – **Canudos** – O povo da terra. São Paulo: Attica, 1995.

WEBER, M. – **Economia e sociedade**. Brasília: Ed. UnB, 1944.

WEINHARDT, Marilene - **Messianismo e figurações literárias – o caso dos muckers**. Revista Letras, Curitiba, n. 55, p. 79-89, jan./jun. 2001. Editora da UFPR.

VII. FONTES PRIMÁRIAS:

PICOLLI, Cristiano - **Os Direitos da Rainha do Céu e da Terra** - mensagens e milagres na Santa Montanha. Guiricema, MG -1988.

BOLETIM SANTA MONTANHA - dos números 39 (06 de junho de 1999) ao 53 (06 de agosto de 2000).

LAUDO do exame do santo óleo fornecido pelo laboratório Fleming de Análises Clínicas LTDA. Campinas, S.P.

8. ANEXOS: BOLETINS DA SANTA MONTANHA

